

CENTRO UNIVERSITÁRIO BARÃO DE MAUÁ

PAULO BASTIANINI NETO

**FIGURAÇÕES DA CIDADE E DA MODERNIDADE NO ROMANCE URBANO DE
ALFREDO TAUNAY**

**Ribeirão Preto
2019**

PAULO BASTIANINI NETO

**FIGURAÇÕES DA CIDADE E DA MODERNIDADE NO ROMANCE URBANO
DE ALFREDO TAUNAY**

Trabalho de conclusão de curso de História
apresentado como requisito para a
obtenção do título de licenciatura.

Orientador: Prof. Dr. Felipe Ziotti Narita

Ribeirão Preto
2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

B324f

Figurações da cidade e da modernidade no romance urbano de Alfredo Taunay / Paulo Bastianini Neto - Ribeirão Preto, 2019.

56p.

Trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em História do Centro Universitário Barão de Mauá

Orientador: Felipe Ziotti Narita

1. Modernidade 2. Alfredo Taunay 3. Cidade I. NARITA, Felipe Ziotti II. Título

CDU 94(81)

Bibliotecária Responsável: landra M. H. Fernandes, CRB⁸ 9878

PAULO BASTIANINI NETO

**FIGURAÇÕES DA CIDADE E DA MODERNIDADE NO ROMANCE URBANO
DE ALFREDO TAUNAY**

Trabalho de conclusão de curso de História
apresentado como requisito para a
obtenção do título de licenciatura.

Orientador: Prof. Dr. Felipe Ziotti Narita

Data de aprovação: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Felipe Ziotti Narita
Centro Universitário Barão de Mauá

Prof. Me. Rafael Cardoso de Mello
Centro Universitário Barão de Mauá

Prof. Me. Ricardo Morais Scatena
Centro Universitário Barão de Mauá

Ribeirão Preto
2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha mãe, Ilza, por ter me apoiado em toda minha jornada e ter acreditado em mim.

Agradeço também ao meu orientador, Felipe, que contribuiu muito para minha formação com sua orientação e me apoiou a todo momento, mesmo diante das dificuldades.

E agradeço, por fim, a todos os professores que contribuíram para minha formação durante toda a minha vida.

RESUMO

A pesquisa analisa o romance urbano de Alfredo Taunay, importante escritor brasileiro do fim do século XIX, especialmente a partir da narrativa construída na obra *O encilhamento* (1894). O objetivo é desvelar, por meio da análise histórica do texto literário, componentes representacionais (figurações) da modernidade junto ao texto do autor, tendo em vista o diálogo entre a forma literária/ficcional e o processo histórico e social. Para tanto, além do debate com a bibliografia especializada, o trabalho articula as percepções e os valores construídos no ambiente urbano de Taunay a uma abordagem dos impactos da modernização e das transformações socioculturais no Brasil do período. Nesse sentido, além da ascensão da vida urbana, destacamos a presença da economia monetária e financeira, a infraestrutura das cidades (especialmente da então capital republicana, o Rio de Janeiro) e as novas condições de vida social e socialização na cidade.

Palavras-chave: Modernidade. Alfredo Taunay. Cidade. Modernização.

ABSTRACT

The research analyzes the urban novel of Alfredo Taunay, an important Brazilian writer of the late nineteenth century, with special focus on the narrative constructed in the book *O encilhamento* (1894). Our aim is to unveil, through the historical analysis of literary text, representational components (figurations) of modernity presented in the author's text, in light of the dialogue between the literary/fictional form and the historical and social processes. Therefore, besides the debate with the specialized bibliography, the work articulates the perceptions and values built in the urban environment of Taunay to an approach of the impacts of modernization and sociocultural transformations in Brazil during the period. In this sense, besides the rise of urban life, we highlight the presence of the monetary and financial economy, the infrastructure of the cities (especially of the then republican capital, Rio de Janeiro) and the new conditions of social life and socialization in the city.

Keywords: Modernity. Alfredo Taunay. City. Modernization.

SUMARIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. RELAÇÕES ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA: APROXIMAÇÕES.....	12
3.1 MODERNIDADE E HISTÓRIA.....	23
3.2 Os paradoxos da modernidade e o mito fáustico	23
3.3 Modernização, técnica e cidade.....	29
4. FIGURAÇÕES DA MODERNIDADE EM ALFREDO TAUNAY	34
4.1. Taunay e o romance O encilhamento	34
4.2. Modernidade, crise, economia monetária e encilhamento	38
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS.....	55

1. INTRODUÇÃO

A interdisciplinaridade nos estudos históricos ainda é algo recente, visto que a História, ao longo de toda sua trajetória como campo do conhecimento, teve uma alteração decisiva nesta questão metodológica somente no início do século XX, especialmente por volta dos anos 1930 com a chamada “Escola dos Annales”, que promoveu uma espécie de “revolução historiográfica” trazendo temas antes vistos apenas nas ciências sociais, além de ampliar diálogos teóricos e temáticos com antropologia, literatura, psicologia e geografia. Desta maneira, indo na contramão de um cientificismo proposto pela historiografia positivista, os pensadores desta escola francesa contribuíram muito aos estudos históricos, deixando-os mais complexos e variados, trazendo não apenas uma história meramente factual, focada em grandes acontecimentos, mas sim possibilidades de pesquisas baseadas nas propostas de uma história-problema e, especialmente durante o domínio de Fernand Braudel junto ao grupo, uma abertura para outras disciplinas das ciências sociais.

Tendo como base uma aposta em interfaces interdisciplinares, o presente trabalho discute propostas teóricas e aproximações temáticas a partir de questões de fronteira entre o saber crítico historiográfico e a narrativa literária. Nosso objeto é o romance urbano de Alfredo Taunay (visconde de Taunay), importante escritor brasileiro do fim do século XIX, intitulado *O encilhamento* (1893). Produzido no contexto de derrocada do governo imperial e de construção da república no Brasil, o próprio título do romance faz referência direta à crise econômica com a qual a nascente república precisou lidar. Além disso, a narrativa evidencia um observador atento às transformações urbanas e à ascensão de signos da modernidade capitalista no Brasil, especialmente a partir do frenesi das grandes cidades, das modas, dos espaços de sociabilidade e do predomínio da lógica financeira do capital e do dinheiro no período. Mais do que as dificuldades dos primeiros anos republicanos, nosso argumento é que o texto de Taunay indica processos mais amplos de transformação sociocultural que servem como indícios da integração do Brasil, sobretudo de suas grandes cidades litorâneas, junto às mudanças da modernidade e do capitalismo.

Tendo em vista as potencialidades da narrativa e a riqueza de seu contato com o processo histórico, abordaremos a narrativa ficcional a partir de uma aposta de

abertura do texto literário a processos socioculturais, políticos e econômicos. Assim, não entendemos o texto literário como algo meramente ficcional ou preso a uma forma, ou seja, como um artefato abstraído de relações com o contexto sociocultural e econômico do período. Estas comparações e aproximações serão obtidas, em um primeiro momento, por meio de uma discussão teórica entre alguns estudiosos da teoria da historiografia, como Roger Chartier e Michel de Certeau, e por meio dos estudos sociológicos e de teoria literária, como Antonio Candido.

Nestas discussões estarão presentes questões como as relações entre meio social e cultural e obra (tanto historiográfica como literária), bem como considerações referentes à maneira como ambos se relacionam e se alteram. Além disso serão discutidas quais são as aproximações e fronteiras entre análise crítico-literária e análise historiográfica. Basicamente, esse é o núcleo que organiza as preocupações do primeiro capítulo desta monografia. A ideia, portanto, é construir um pano de fundo teórico e metodológico mínimo para o desenvolvimento das relações entre texto ficcional e processo histórico, tal como realizaremos nos capítulos seguintes.

No segundo capítulo, tendo em vista os processos da modernidade que podem ser percebidos na narrativa de Taunay, ampliaremos o escopo histórico de análise para relações mais amplas, ou seja, relações referentes à formação da modernidade e do capitalismo a partir do século XIX. Nesse sentido, serão apresentadas e discutidas as questões envolvendo algumas linhas de força da modernidade, tendo como base Marshall Berman e suas análises da obra *Fausto*, de Johann Wolfgang von Goethe, identificando a modernidade do ponto de vista das figurações presentes na obra literária. Por outro lado, o capítulo conta com apoio de outros teóricos e especialistas na ascensão da modernidade, discutindo os processos técnicos, a industrialização e a modernização dos grandes centros urbanos.

A partir das aproximações entre história e literatura e das considerações mais amplas sobre a formação da modernidade, o terceiro capítulo é inteiramente dedicado à análise do livro de Taunay. Como romance urbano, inserimos o texto no contexto de transformações da vida urbana, dialogando diretamente com o processo de modernização brasileiro do fim do século XIX. Assim, a partir do romance de Alfredo Taunay, analisaremos as figurações da modernidade e do cotidiano do Rio de Janeiro do século XIX, destacando o impacto das transformações da vida urbana e da crise financeira dissecada pelo autor junto ao frenesi da cidade.

Portanto, este estudo irá identificar as interfaces entre História e Literatura por meio de discussões teóricas e, mediante a análise de um romance moderno do século XIX, busca identificar e discutir o caráter moderno e de modernização na obra. Assim, além de apontar para ângulos de pesquisa que proporcionem maior contato entre historiadores e campo literário, acreditamos que a análise histórica da narrativa urbana de Taunay ilumina contradições e estruturas socioculturais fundamentais para o entendimento da formação do Brasil e do horizonte tumultuado e problemático das relações sociais revolvidas pelo processo de modernização.

2. RELAÇÕES ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA: APROXIMAÇÕES

Uma vez que o presente trabalho analisa as figurações da modernidade na produção literária de Alfredo Taunay, uma discussão teórica a respeito das relações entre literatura e história é pertinente para o esclarecimento de alguns pontos de nossa abordagem. Além disso, como trabalho metodológico, a mobilização de produções ficcionais/literárias como documentação da pesquisa histórica implica uma série de questões para a pesquisa. O presente capítulo, então, promove algumas aproximações junto a um campo de debates bastante amplo e importante para o ângulo de análise da pesquisa.

Para tanto, tendo como base teórica as contribuições de autores como Antonio Candido, Michel de Certeau, Nicolau Sevcenko e Roger Chartier, o trabalho procura pensar e costurar algumas relações entre história e literatura a partir das interfaces sugeridas pelos autores. Tais discussões se concentrarão, principalmente, nos pensamentos de Antonio Candido acerca da literatura e das suas relações com o meio social, o público e os autores ao longo das sociedades ao redor do globo. Consideraremos também as discussões teóricas acerca dos métodos, da produção e das influências do lugar social no processo historiográfico, por meio de Chartier e Certeau. As reflexões que serão realizadas buscam provocar e retomar o interesse entre os historiadores acerca do papel da literatura como uma documentação histórica, sociológica e antropológica.

Primeiramente, é imperativo esclarecer que a principal ligação entre História e Literatura é a manifestação da linguagem e do discurso que, segundo Nicolau Sevcenko:

Procedente, nas suas raízes, da filologia e da escola histórica alemã oitocentista, houve no nosso século um reconhecimento categórico de que a linguagem está no centro de toda a atividade humana. Sabe-se hoje que, sendo ela produzida pelo complexo jogo de relações que os homens estabelecem entre si e com a realidade, ela passou também a ser, a partir do próprio momento de sua constituição, um elemento modelador desse mesmo conjunto de relações (SEVCENKO, 2003, p. 19)

Em outras palavras, a linguagem é produzida e também influencia e altera sua própria produção. O pensamento de Sevcenko pode ser relacionado com as

discussões de Antonio Candido, em seu livro *Literatura e sociedade*, em que este examina as influências do meio social sobre a obra de arte (especificamente a obra de arte literária), bem como a influência desta sobre o meio. Segundo Candido, o vínculo entre a obra e o ambiente de sua produção é indissociável, pois só podemos entender uma obra em sua totalidade fundindo texto e contexto; os meios externos, ou sociais, acabam sendo parte da própria estrutura da obra, tornando-se fatores internos, ou seja, nas influências do processo criativo do artista ou escritor:

Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda que, o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno (CANDIDO, 1985, p. 4).

Assim, evitando determinismos (como se o contexto determinasse o texto), a abordagem do autor sublinha justamente as relações da produção intelectual com os processos sociais. Candido aponta que tais fatores externos se compõem por:

A voga de um livro, a preferência estatística por um gênero, o gosto das classes, a origem social dos autores, a relação entre obras e ideias, a influência da organização social, econômica e política, etc. (CANDIDO, 1985, p. 4).

Estes fatores influenciam tanto na Literatura como na História, já que toda obra literária ou historiográfica é produzida por um indivíduo presente em um contexto social, político e cultural. Sendo assim, seria problemática uma total dissociação entre texto literário e contexto social-histórico, pois toda produção humana carrega os traços de sua humanidade e de seu horizonte histórico, como será visto mais adiante com as discussões de Michel de Certeau.

Outra discussão teórica em que os pensamentos de Sevcenko e Candido convergem está presente nas afirmações deste primeiro acerca das motivações criativas do autor:

[...] Afinal, todo escritor possui uma espécie de liberdade condicional de criação, uma vez que os seus temas, motivos, valores, normas ou revoltas são fornecidos ou sugeridos pela sua sociedade e seu tempo – e é destes que eles falam. Fora de qualquer dúvida: a literatura é antes de mais nada um produto artístico, destinado a agradar e a comover; mas como se pode imaginar uma árvore sem raízes, ou como pode a qualidade dos seus frutos não depender das características do solo, da natureza, do clima e das condições ambientais? (SEVCENKO, 2003, p. 20)

Neste momento, abordando o papel do estudo literário para a historiografia, o autor afirma que este tem significados muito peculiares. A literatura, para Nicolau Sevcenko, é representada pelo “vir-a-ser”, ou seja, lida com as possibilidades, com as histórias que não ocorreram, enquanto a História é representada pelo “ser” e compromissa-se com a realidade e com a veracidade dos fatos e acontecimentos da sociedade.

Sendo um produto do desejo, seu compromisso é maior com a fantasia do que com a realidade. Preocupa-se com aquilo que poderia ser ou deveria ser a ordem das coisas, mais do que com seu estado real (SEVCENKO, 2003, p. 20).

Para validar sua afirmação, o autor utiliza de uma passagem muito significativa de Aristóteles acerca das relações entre as figuras do poeta e do historiador (SEVCENKO, 2003, p. 21):

Com efeito, não diferem o historiador e o poeta por escreverem verso ou prosa (pois que bem poderiam ser postas em verso as obras de Heródoto, e nem por isso deixariam de ser história, se fosse em verso o que eram em prosa) – diferem, sim, em que diz um as coisas que sucederam, e outro as que poderiam suceder.

Seguindo em seu raciocínio, Sevcenko inverte a posição de análise, questionando a posição da História em relação à Literatura. Em uma passagem quase poética, o autor transmite seu pensamento a respeito desta questão: “ela é o testemunho triste, porém sublime, dos homens que foram vencidos pelos fatos” (SEVCENKO, 2003, p. 21). A operação historiográfica envolve dúvidas e a obra literária pode entregar muitas suposições, respostas, opiniões e visões alternativas da própria realidade. Tratando novamente da utilização da Literatura para a História, Sevcenko vislumbra uma complementaridade entre os dois domínios:

Tornou-se hoje em dia quase que um truísmo a afirmação da interdependência estreita existente entre os estudos literários e as ciências sociais (SEVCENKO, 2003, p. 20).

Esta interdependência entre forma literária e ciências sociais – incluindo aqui a historiografia – não tem seu potencial devidamente explorado nos trabalhos contemporâneos. O campo de discussão teórica poderia ser mais amplo, de modo que mais documentos literários poderiam ser utilizados nos estudos históricos. Estas fontes podem trazer muitas reflexões pertinentes aos inúmeros temas da História e das ciências sociais. Um exemplo extremamente pertinente, e que mais à frente neste trabalho será discutido, é o clássico estudo sobre a modernidade, de Marshall Berman, que tem boa parte de sua obra construída a partir de análises de clássicos da literatura mundial, como o *Fausto*, de Goethe, e as poesias de *As flores do mal*, de Baudelaire, para tratar do diverso e disperso conjunto de acontecimentos da formação da modernidade.

Encontram-se também pontos convergentes a estas afirmações no pensamento de Michel de Certeau, em sua obra *Escrita da história*, onde o autor discute as relações do meio social com a produção historiográfica e as ambiguidades e desafios que esta apresenta ao historiador em busca de recuperar e estudar o passado. Certeau aponta que a própria origem etimológica da palavra “historiografia” abarca ambiguidade, historiografia quer dizer “história” e “escrita” (ou escritura), termos antinômicos entre real e discurso (CERTEAU, 1982, p. 10). Certeau analisa como o meio social influencia fortemente nas interpretações e análises do historiador:

Mas a atividade que recomeça a partir de um tempo novo separado dos antigos, e que se encarrega da construção de uma razão neste presente, não é ela historiografia? (CERTEAU, 1982, p. 16)

Certeau, então, afirma que a história “é uma reconstituição das sociedades e dos seres humanos de outrora por homens e para homens engajados na trama das sociedades humanas de hoje” (CERTEAU, 1982, p. 21). O lugar de produção historiográfica, então, é fundamental para a atividade da escrita. O olhar do historiador e suas análises são intrinsecamente influenciados por suas atuais posições sociais e temporais que, por mais que busquem uma aproximação com o passado, ainda estarão com a ótica do presente. Ainda que o historiador busque um

comprometimento com a veracidade dos fatos, seu ofício sempre será um mosaico do passado, podendo trazer muito deste para seus estudos, mas nunca sua totalidade (CERTEAU, 1982).

Novamente, Certeau aponta como o lugar social ou temporal do historiador se relaciona com o processo historiográfico, neste caso, com a questão do recorte histórico:

Logo, o corte é o postulado da interpretação (que se constrói a partir de um presente) e seu objeto (as divisões organizam as representações a serem reinterpretadas) (CERTEAU, 1982, p. 14).

Segundo o autor, “o historiador faz uma triagem entre o que pode ser compreendido e o que deve ser esquecido para obter a representação de uma inteligibilidade presente”. (CERTEAU, 1982, p.15). Ou seja, o historiador seleciona seus objetos de acordo com suas preferências teóricas, suas vivências, e a depender destas

[...] cada historiador situa o corte inaugurador lá onde para sua investigação, quer dizer, nas fronteiras fixadas pela sua especialidade na disciplina a que pertence (CERTEAU, 1982, p. 21).

Segundo Certeau, o distintivo da história em relação a narrativas ficcionais é o compromisso intrínseco daquela com o real. Em outras palavras, a história tem seu discurso desdobrado sobre o processo social. Nesse sentido,

O real que se inscreve no discurso historiográfico provém das determinações de um lugar. Dependência com relação a um poder estabelecido em outra parte, domínio das técnicas concernentes às estratégias sociais, jogo com os símbolos e as referências que legitimam a autoridade diante do público são as relações efetivas que parecem caracterizar este lugar da escrita (CERTEAU, 1982, p. 20).

Por mais que a história compartilhe e tenha diversos pontos em comum com a narrativa literária, a história produz um conhecimento diferente, com compromisso metodológico em relação ao real, como será visto mais à frente. O autor utiliza de uma

passagem do historiador francês François Hartog a respeito da afirmação anterior de Certeau para ilustrar o “processo evolutivo” da narrativa historiográfica:

Essa interpelação suscitou uma profunda preocupação, já que, durante muito tempo, a história havia esquivado sua pertinência à classe dos relatos e havia apagado as figuras próprias de sua escritura, reivindicando seu cientificismo. Assim, quer se trate de uma recopilação de exemplos à moda antiga, quer se ofereça como conhecimento de si mesma na tradição historicista e romântica alemã, quer se proclame “científica”, a história não podia senão recusar pensar-se como um relato e como uma escritura. A narração não podia ter uma condição própria, pois, conforme os casos, estava submetida às disposições e às figuras da arte retórica, ou seja, era considerada como o lugar onde se revelava o sentido dos próprios fatos ou era percebida como um obstáculo importante para o conhecimento verdadeiro (CHARTIER, 2009, p. 12).

O historiador precisa estar atento a estas questões para entender que sua produção historiográfica sempre irá ter traços de narrativa e ficção. Devido a isso, é necessário um rigor ainda maior acerca dos métodos que compõem a produção historiográfica. Chartier expressa como este compromisso com a veracidade dos fatos na historiografia pode ser alcançado, pois mesmo que os fatos e a narrativa estejam extremamente ligados, as técnicas de análise da história permitem diferenciar o verdadeiro do falso:

Carlo Ginzburg lembrou várias vezes que, na posteridade da retórica aristotélica, prova e retórica não são antinômicas, mas, antes, estão indissociavelmente ligadas e que, de mais a mais, desde o Renascimento a história soube elaborar as técnicas eruditas que permitem separar o verdadeiro do falso. Daí sua firme conclusão: reconhecer as dimensões retórica ou narrativa da escritura da história não implica, de modo algum, negar-lhe sua condição de conhecimento verdadeiro, construído a partir de provas e de controles. Por isso, “o conhecimento (mesmo o conhecimento histórico) é possível” (CHARTIER, 2009, p. 13).

Ainda que a narrativa esteja presente na escrita historiográfica, esta tem comprometimento científico e, de acordo com Certeau, produz “enunciados científicos” acerca de seus estudos, legitimando-a:

Para ele, a história é um discurso que produz enunciados “científicos”, se se define com esse termo “a possibilidade de estabelecer um conjunto de regras que permitam “controlar” operações proporcionais à produção de objetos determinados” (CHARTIER, 2009, p. 16).

Chartier analisa esta afirmação, apontando sua importância para a definição do processo historiográfico, de seus métodos, suas regras e controles, definindo a história como um “saber compartilhado”, fato e conhecimento, prova e retórica. Assim, saber crítico e narração são relacionados e não opostos:

Todas as palavras dessa citação são importantes: “produção de objetos determinados” remete à construção do objeto histórico pelo historiador, já que o passado nunca é um objeto que já está ali; “operações” designa as práticas próprias da tarefa do historiador (recorte e processamento das fontes, mobilização de técnicas de análise específicas, construção de hipótese, procedimentos de verificação); “regras” e “controles” inscrevem a história em um regime de saber compartilhado, definido por critérios de prova dotados de uma validade universal. Como em Ginzburg (e, talvez, mais do que ele mesmo pense, já que ele colocaria de Certeau no campo dos céticos), acham-se associados, e não opostos, conhecimento e relato, prova e retórica, saber crítico e narração. (CHARTIER, 2009, p. 16)

Este “saber compartilhado” se estabelece por meio do “saber do outro”, ou seja, o processo historiográfico e toda sua investigação se baseia em documentos, produções e referências de outrora. Os estudos históricos para recuperarem e resgatarem o conhecimento de outras épocas necessitam desses fatores para serem realizados, a figura do “outro” tem fator preponderante na historiografia.

Demonstrou como a escritura da história, que supõe a ordem cronológica, o fechamento do texto e o recheio dos interstícios, inverte o procedimento da investigação, que parte do presente, que poderia não ter fim e que se confronta sem cessar com as lacunas da documentação. Demonstrou também que, diferentemente de outros relatos, a escritura da história está desdobrada, folheada, fragmentada: “coloca-se como historiográfico o discurso que ‘compreende’ seu outro – a crônica, o arquivo, o documento – quer dizer, aquilo que se organiza folheado, do qual uma metade, contínua, se apoia sobre outra, disseminada, e assim se dá o poder de dizer o que a outra significa sem a saber. Pelas ‘citações’, pelas referências, pelas notas e por todo o aparelho de remetimentos pertinentes a uma linguagem primeira, o discurso se estabelece como saber do outro” (CHARTIER, 2009, p.15)

As próprias análises realizadas neste presente trabalho são baseadas nesta afirmação, sem o “saber do outro” a narrativa historiográfica não ocorre e novas teorias e descobertas não são criadas. Segundo Chartier e as discussões de Certeau, o historiador tem que organizar suas fontes e métodos para, assim, analisar parte do

passado de uma maneira coerente para convencer, como a literatura ou um texto jornalístico, os seus leitores:

A história como escritura desdobrada tem, então, a tripla tarefa de convocar o passado, que já não está num discurso no presente; mostrar as competências do historiador, dono das fontes; e convencer o leitor: “Sob esse aspecto, a estrutura desdobrada do discurso funciona à maneira de uma maquinaria que extrai da citação uma verossimilhança do relato e uma validade do saber. Ela produz credibilidade” (CHARTIER, 2009, p. 15).

Foi discutida até o momento a relação entre historiografia e narrativa do ponto de vista da teoria da história. Agora será discutida a perspectiva dos estudos literários à luz dos argumentos de Antonio Candido, tendo em vista a abertura dos textos literários a análises sociológicas, históricas e antropológicas que tentam extrair da forma literária elementos do processo social. Candido exprime com maestria diversos aspectos ao redor destas obras e suas relações com as diversas sociedades pelo mundo, analisando os mais diferentes tipos de manifestações literárias e de como estas podem dizer muito sobre suas sociedades e sobre suas mentalidades por meio da estrutura narrativa. Porém, a discussão teórica presente aqui irá focar nos aspectos referentes ao que compõem as análises crítico-literárias e suas relações com a análise histórica. Tratando da análise crítico-literária, Candido afirma que este processo deve se basear na:

procura dos elementos responsáveis pelo aspecto e o significado da obra unificados para formar um todo indissolúvel, do qual se pode dizer, como Fausto do Macrocosmos, que tudo é tecido num conjunto, cada coisa vive e atua sobre a outra (CANDIDO, 1985, p.5)

A historiografia e sua produção, tal como a literatura, são compostas em sua gênese pelos indissociáveis acontecimentos de seu tempo que, inevitavelmente, influenciam tais obras e seus autores. Exemplificando esta forma de análise crítico-literária, Candido analisou alguns aspectos da obra *Senhora*, de José Alencar, e chegou a algumas reflexões.

O autor identificou certas dimensões sociais evidentes do período de produção desta obra, como a moda da época, as manifestações e expressões culturais, o estilo de vida burguês e patriarcal, e diversas questões sociais da época. (CANDIDO, 1985, p. 5-6). Uma destas questões gira em torno do que Candido afirma ser um “sentido social simbólico” da obra, que retrata algo comum do Brasil do século XIX, a saber, o

casamento por dinheiro, ou “a compra de um marido” que, de acordo com o autor, é ao mesmo tempo:

representação e desmascaramento de costumes vigentes na época, como casamento por dinheiro. Ao inventar a situação crua do esposo que se vende em contrato, mediante pagamento estipulado, o romancista desnuda as raízes da relação, isto é, faz uma análise socialmente radical, reduzindo o ato a seu aspecto essencial de compra e venda. Mas, ao vermos isto, ainda não estamos nas camadas mais fundas da análise – o que só ocorre quando este traço social constatado é visto funcionando para forma a estrutura do livro (CANDIDO, 1985, p.6)

Para Candido, o crítico deve levar em conta os aspectos sociológicos de análise para uma análise crítico-literária (CANDIDO, 1985). Algo semelhante ao que Candido realizou com *Senhora* será feito mais à frente neste trabalho, no capítulo 3, onde será analisada a obra *O encilhamento*, de Alfredo Taunay, visando identificar o contexto moderno e econômico da época retratada no livro. Mas, diferentemente de Candido, a análise focará menos no aspecto de análise crítico-literária do que na percepção dos processos sociais e suas representações (figurações) a partir da construção narrativa da obra.

Na linha de Candido, portanto, entendemos que o texto literário pode fornecer um campo importante de estudos para a pesquisa histórica na medida em que a narrativa ficcional pode funcionar como elemento de figuração de percepções e valores associados a certos horizontes históricos e sociais. Quando se analisa a definição de literatura para o autor, entende-se como esta também se relaciona com o processo histórico:

Com efeito, todos sabemos que a literatura, como fenômeno de civilização, depende, para se constituir e caracterizar, do entrelaçamento de vários fatores sociais. Mas, daí a determinar se eles interferem diretamente nas características essenciais de determinada obra, vai um abismo, nem sempre transposto com felicidade. (CANDIDO, 1985, p. 12)

Assim, “a mimese é sempre uma forma de poiese” (CANDIDO, 1985, p. 12). O trabalho artístico (ou a produção historiográfica) sempre tem relação com a realidade histórico-social e sua análise permite desvelar as figurações e traços dessa realidade inscritos na narrativa. É importante lembrar que o fator social é preponderante em uma boa análise crítico-literária e é necessário também pensar sobre suas relações com a dimensão histórica (CANDIDO, 1985). Agora, do ponto de vista do produtor de

determinada obra, do autor, Candido cita uma passagem de Saint-Beuve, que exprime bem as relações entre artista e meio (CANDIDO, 1985, p.18):

O poeta não é uma resultante, nem mesmo um simples foco refletor; possui o seu próprio espelho, a sua mônada individual e única. Tem o seu núcleo e o seu órgão, através do qual tudo o que passa se transforma, porque ele combina e cria ao devolver à realidade.

Como o poeta nesta metáfora, o historiador também é seu próprio espelho, combinando e transformando todos os seus estudos e suas vivências e os devolvendo à sociedade em sua obra. De acordo com o autor, dizer que a literatura exprime a sociedade constitui hoje verdadeiro truísmo (CANDIDO, 1985, p. 19). A relação não é imediata, tampouco simplista – ou seja, a narrativa literária, justamente por lidar com elementos formais ao gênero e por possuir uma dimensão ficcional, não é necessariamente um espelho da sociedade e da biografia de seu autor. Para Candido, contudo, há uma relação bastante intrincada entre texto e contexto, de modo que, se a relação não é imediata, ela também não pode ser anulada. Em sua reflexão, ele se questiona acerca do papel da arte como manifestação da sociedade e como fator social, interessada nos problemas sociais. Para Candido:

A arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais (CANDIDO, 1985, p. 20-21).

Esta questão se relaciona bastante com os momentos da produção artística que envolvem o impulso e uma necessidade interior do autor orientada pelos padrões de sua época, a escolha de certos temas e o uso de certas formas, gerando assim uma produção que age e reage sobre o meio (CANDIDO, 1985). No processo da escrita historiográfica estas mesmas questões estão presentes, e também geram uma reação no meio social e cultural. Candido, sobre a influência da literatura no meio, afirma:

A literatura é, pois, um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse

processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo. (CANDIDO, 1985, p.74)

Candido afirmou isto acerca da obra literária, mas, esta passagem também é aplicável à própria história, que atua, influencia e é influenciada pelo meio social a todo instante, alterando e sendo alterada pela sociedade de seu tempo. O momento histórico tanto para a literatura quanto para a história é um fator determinante para o resultado final destas produções:

[a obra] se manifesta de maneira diversa conforme o momento histórico (exprimindo-se como vocação, consciência artesanal, senso de missão, inspiração, dever social, etc.) (CANDIDO, 1985, p. 75)

A arte e a literatura, para Candido, são:

uma transposição do real para o ilusório por meio de uma utilização formal, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos [...] Portanto, a criação literária corresponde a certas necessidades de representação do mundo, às vezes como preâmbulo a uma práxis socialmente condicionada (CANDIDO, 1985, p. 53-55)

As discussões neste capítulo acerca das fronteiras e das intersecções entre história e literatura tiveram o intuito de demonstrar suas semelhanças e diferenças, suas intenções e o seu papel em relação à sociedade. Além disto, estas discussões tem o intuito de promover a literatura como uma fonte histórica válida e que pode gerar reflexões muito pertinentes para o processo historiográfico. Nesse sentido, sobretudo a partir das apostas teóricas de Antonio Candido, entendemos a forma literária como um processo que deve ser pensado também à luz das condições sociais e históricas de sua época e lugar de produção.

No próximo capítulo, para que possamos avançar sobre a narrativa de Alfredo Taunay, discutiremos alguns processos e núcleos conceituais que marcam as discussões a respeito da modernidade. Esses elementos são fundamentais para a consideração do texto literário (Taunay) à luz das figurações nele contidas sobre a formação da modernidade e da vida urbana.

3. MODERNIDADE E HISTÓRIA

Neste capítulo serão discutidos alguns dos conceitos e das questões que permeiam a noção de modernidade. Enfatizaremos como as forças que compõem o horizonte da modernidade alteraram a sociedade e a mentalidade humana, já que essas alterações estão intimamente relacionadas ao desenvolvimento do capitalismo, ao aparato técnico e à formação de centros urbanos industrializados que, por meio de processos globais, alteraram as estruturas e infraestruturas sociais, políticas, artísticas, filosóficas e tecnológicas. Este capítulo irá discutir e relacionar as análises de Marshall Berman sobre a modernidade, bem como sua interpretação de Goethe, tentando entender como o mito fáustico relaciona-se com a formação da sociedade e mentalidade modernas.

Essas questões serão discutidas também à luz de ideias de outros teóricos sobre a modernidade, como o conceito de infraestruturas, de Brian Larkin, a proposta de um materialismo histórico-geográfico de David Harvey (analisando o significado da modernidade a partir da cidade do século XIX), as análises de Dolf Oehler sobre Baudelaire, a discussão de Georg Simmel sobre como os centros urbanos e seus impactos nas alterações psicológicas e sociais nos indivíduos modernos e as análises culturais e sociais das grandes cidades feitas por Walter Benjamin, apoiadas em discussões de Willi Bolle sobre algumas obras de Benjamin. Todos estes teóricos, por mais que tenham ideias distintas entre si sobre a modernidade, geram um rico painel conceitual e temático sobre como a modernidade se estruturou nos últimos três séculos e como ainda atua (e altera) as sociedades e mentalidades humanas.

3.1. Os paradoxos da modernidade e o mito fáustico

Antes do início das discussões deste capítulo relacionadas ao moderno, é importante ressaltar que, apesar de a modernidade ser um tema extremamente discutido no mundo acadêmico nas últimas décadas, este é ainda um campo teórico propício para discussões amplas, sobretudo, em função de sua variedade temática. Neste trabalho, portanto, delimitamos a ideia de modernidade como uma construção em marcha a partir do final do século XVIII, associando à noção o processo global de

expansão do capitalismo e de suas estruturas materiais (infraestrutura técnica, vida urbana, etc.).

Esse arco cronológico, então, contou com a aceleração das transformações socioeconômicas e mudanças profundas no campo dos valores culturais. O teórico Alain Touraine afirma que a modernidade foi construída sobre o signo da mudança. Em outras palavras, a compreensão das múltiplas transformações e das dinâmicas de modernização implica uma ênfase sobre a reorganização do próprio entendimento da história e do tempo social. Nesse sentido, a noção de progresso é fundamental. Herdeira direta do Iluminismo e do racionalismo do final do século XVIII, a noção de progresso comportou o acúmulo de desenvolvimentos materiais, tendo em vista a aplicação da ciência em técnica e o incremento da produção social. Consideramos, como ponto de partida, que

A modernização econômica acelerada teve como consequência principal transformar os princípios do pensamento racional em objetivos sociais e políticas gerais. Enquanto os dirigentes políticos, assim como os pensadores sociais, desde os séculos XVII e XVIII refletiam sobre a ordem, a paz e a liberdade na sociedade, doravante, e durante um longo século XIX que se esparramou sobre uma grande parte do XX, eles transformam uma lei natural em vontade coletiva. A ideia de progresso representa melhor essa politização da filosofia da Ilustração. Não se trata mais simplesmente de dar passagem à razão afastando os obstáculos de seu caminho; é preciso querer e amar a modernidade; é preciso organizar uma sociedade criadora da modernidade e automotriz (TOURAINÉ, 1994, p. 69).

Assim, a partir desse ângulo inicial, como a modernidade possui diversos aspectos e alterou diversos setores sociais e da mentalidade humana, as discussões teóricas sobre eles serão divididas neste capítulo de uma maneira sequencial. Primeiramente, será discutida a figura individual do ser humano no meio moderno e sua relação com o mito fáustico (a partir de Berman) e, em seguida, os aspectos políticos, sociais e econômicos da formação da modernidade.

O indivíduo moderno, seja ele o do século XIX, XX ou XXI, tem algo em comum, como o próprio conceito de modernidade: trata-se da dicotomia. Uma figura que representa muito bem este conceito é representada por Fausto, que é considerado por Berman o herói por excelência da modernidade. Esta alcunha é muito bem colocada, pois a obra de Goethe representa muitos dos processos que atingiram

a humanidade nos séculos XVIII e XIX. Trata-se, literalmente, da obra de uma vida que ultrapassa gerações e influenciou incontáveis teóricos dos mais diversos campos do conhecimento.

O trabalho de Goethe no tema do Fausto começou em torno de 1770, quando ele tinha 21 anos, e prosseguiu intermitente por seis anos; ele não considerou a obra terminada até 1831, um ano antes de sua morte, aos 83 anos, e sua publicação integral só se deu algum tempo depois que ele morreu. A obra, portanto, foi concebida e sendo criada ao longo de um dos períodos mais turbulentos e revolucionários da história mundial. Muito da sua força brota dessa história: o herói goethiano e as personagens a sua volta experimentam com grande intensidade muitos dos dramas da história mundial que o próprio Goethe e seus contemporâneos viveram; o movimento integral da obra reproduz o movimento mais amplo de toda a sociedade ocidental. (BERMAN, 2007, p. 40).

A figura dicotômica de Fausto, enlouquecida pela busca do desenvolvimento e do autodesenvolvimento frenético, representa o ser humano, sempre insatisfeito com os problemas do presente e sempre com um descontentamento perante a sua situação atual em uma busca caótica por desenvolvimento. A rigor, podemos ver nessa representação a própria situação do progresso e da busca de incremento produtivo e ambição da razão e da vida moderna. Fausto representa o bem e o mal, ou seja, o progresso e o desenvolvimento da humanidade, bem como sua destruição. Com sua interpretação, Berman enfatiza que o progresso não é algo neutro: pelo contrário, sua construção implica a destruição e a direção das transformações sociais. Por isso, Fausto

Sabe que precisa estabelecer uma conexão entre a solidez e o calor da vida entre pessoas – a vida cotidiana vivida na fonte matriarcal de uma comunidade concreta – e a revolução cultural e intelectual que eclodiu em sua mente. Esta é chave do seu famoso lamento: Duas almas, oh, coexistem em meu peito”. (BERMAN, 2007, p. 74).

Por isso, a figura de Fausto pode ser interpretada como uma grande alegoria da modernização. Nesse sentido,

Os problemas de Fausto não são apenas seus: eles dramatizam tensões mais amplas, que agitaram todas as sociedades europeias nos anos que antecedem a Revolução Francesa e a Revolução Industrial. A divisão social do trabalho na Europa moderna, da Renascença e da Reforma ao tempo do próprio Goethe, produziu uma vasta classe de produtores de cultura e de ideias [...] Essa mesma divisão do trabalho, que propiciou a existência e o desenvolvimento dessa cultura moderna, manteve inacessíveis ao mundo em redor suas novas descobertas e perspectivas, seu vigor e fecundidade. Fausto participa de (e ajuda a criar) uma cultura que abriu uma amplitude e profundidade de desejos e sonhos humanos que se situam muito além das fronteiras clássicas e medievais (BERMAN, 2007, p. 56-57).

Como Fausto, o fomentador que deseja o desenvolvimento econômico, político e social a qualquer custo, o homem moderno também deseja tornar o mundo melhor e adaptável a suas ambições, não se importando com quantas pessoas tenham que morrer ou quanta destruição será causada na realização de suas obras. O indivíduo moderno vive, como Fausto, em uma paisagem marcada por um “imenso canteiro de obras”, seja na Revolução Industrial, na urbanização e constante expansão dos centros urbanos até as metrópoles e megalópoles ou na revolução tecnológica do século XXI. Este homem vive com um desejo interminável de modernização, de desenvolvimento. Assim,

O peculiar ambiente que constitui o cenário do último ato de Fausto – o imenso canteiro de obras, ampliando-se em todas as direções, em constante mudança e forçando os próprios figurantes a mudar também – tornou-se o cenário da história mundial em nosso tempo. (BERMAN, 2007, p. 74).

Este conceito de um “imenso canteiro de obras” representa um cenário moderno dos séculos XIX e XX, onde, principalmente, os Estados modernos, sejam eles socialistas ou capitalistas, buscaram um desenvolvimento desenfreado e uma industrialização e urbanização repentina e caótica sem se dar conta das vítimas neste processo. Berman compara os Estados subdesenvolvidos e desenvolvidos industrialmente e mostra como eles representam, respectivamente, uma mentalidade pseudofáustica e outra verdadeiramente fáustica do ponto de vista de gerar realmente um desenvolvimento para as nações, e não somente para seus líderes.

Muitos grupos incrustados nas classes dominantes contemporâneas , de militares direitistas a comissários esquerdistas, têm mostrado fatal atração (mais fatal para os seus subordinados do que para eles mesmos, é evidente) por projetos e campanhas grandiosos que encarnam todo o gigantismo e a crueldade de Fausto, mas sem uma leve amostra da sua habilidade científica e técnica, sem o seu gênio organizacional e sua sensibilidade política para as reais necessidades e desejos do povo. Milhões de pessoas têm sido vitimadas por desastrosas políticas de desenvolvimento, concebidas em compasso megalomaniaco. (BERMAN, 2007, p. 76).

A tragédia fáustica não somente é uma obra moderna, como representa e influencia a própria modernidade. Toda a sua essência é marcada pelos paradoxos modernos (políticos, sociais e filosóficos). Mesmo escrita há quase dois séculos, esta permanece extremamente atualizada perante os conflitos modernos que a sociedade viveu e vive. As figuras de Fausto e Mefistófeles representam não só o indivíduo moderno e a Modernidade, mas o próprio Capitalismo e a Revolução Industrial, sendo inseridos em um mundo que era, na época de Goethe, marcado pelas estruturas do Antigo Regime e pelo âmbito rural. Como Fausto, na ficção, ascendendo em seu projeto desenvolvimentista e destruindo os resquícios e as representações do velho mundo (sua amada, Gretchen, o casal de idosos, Filemo e Báucia), o Capitalismo e a Revolução Industrial foram também ascendendo, varrendo pouco a pouco os antigos ideais e as antigas estruturas sociais, econômicas e políticas. Gretchen, Filemo e Báucia representam o próprio Antigo Regime, que foi aos poucos sendo destruído ao longo dos processos históricos modernos.

Apontar para essa difusa necessidade moderna, porém, é apenas ampliar o mistério. Sentimo-nos inclinados a empatizar com o ódio que Fausto nutre pelo viciado mundo gótico, fechado e repressivo, em que tudo começou — o mundo que destruiu Gretchen, e ela não foi a primeira. Mas nessa altura, quando se torna obcecado com Filemo e Báucia, ele aplica no mundo gótico um golpe mortal: Fausto criou um novo sistema social, vibrante e dinâmico, um sistema orientado na direção da livre atividade, da alta produtividade, das trocas em larga escala e do comércio cosmopolita, da abundância para todos; (BERMAN, 2007, p. 68).

Outra alegoria que Goethe muito bem constrói em sua “tragédia do desenvolvimento” (BERMAN, 2007, p. 42) é a dos “poderes ocultos”, de Fausto, que traz a ele o poder de transformar as coisas a seu redor. Porém, este se voltará contra

ele mesmo. Estes poderes representam a ciência, a tecnologia e a modernização constante que a sociedade não consegue controlar e que a faz se sentir ameaçada:

Porém, o grande desenvolvimento que ele inicia – intelectual, moral, econômico, social – representa um altíssimo custo para o ser humano. Este é o sentido da relação de Fausto com o diabo: os poderes humanos só podem se desenvolver através daquilo que Marx chama de “os poderes ocultos”, negras e aterradoras energias, que podem irromper com força tremenda, para além do controle humano. (BERMAN, 2007, p. 42).

Ao longo de todo o processo de modernização até os dias de hoje, essa alegoria mostrou-se verdadeira, pois o ser humano pode até criar meios para facilitar sua vida e o funcionamento da sociedade, mas não quer dizer que este terá controle absoluto sobre eles. As fábricas e indústrias, ao longo do processo de transformações globais desencadeado pela Revolução Industrial, podem ser usadas como exemplo: por mais que estas tenham sido criadas com o propósito de facilitar o trabalho humano, elas estavam também destruindo a humanidade dos trabalhadores, fazendo-os passar por extensas e desgastantes horas de trabalho e ainda, devido à inexperiência de muitos com as máquinas, causando diversos acidentes entre os próprios trabalhadores:

Nossa sociedade jamais poderá controlar seus vulcânicos “poderes ocultos”, enquanto pretendermos que apenas os cientistas perderam o controle. Um dos fatos básicos da vida moderna é que, todos nós, hoje, somos “garotões cabeludos.” (BERMAN, 2007, p. 84).

A modernização, o desenvolvimento e as mudanças em todos os meios são tão repentinas que, segundo Berman, o homem não poderá se quer parar para refletir, pois já estarão modificando-se antes mesmo deste homem pensar sobre elas. Como aponta Berman, as inovações, as informações, as vanguardas e as novas tecnologias no mundo moderno rapidamente tornam-se obsoletas e desatualizadas, de modo que os processos de modernização constantemente estão fragmentando-se e sendo reconstruídos a cada instante e de maneira frenética. O indivíduo moderno nem ao menos poderá dizer “Verweile doch, du bist so schoen!” (“Para, instante que passa, és tão formoso!”), sem ficar para trás e ser ultrapassado pelas transformações em curso. (BERMAN, 2007, p. 77).

Esta passagem de Berman relaciona-se bem com o conceito de “destruição criativa” (posteriormente incorporado na reflexão de outros teóricos das ciências sociais, como Joseph Schumpeter), que diz respeito a como a modernidade não constitui uma ruptura radical com o passado, mas sim faz referência a ele e relaciona-se com ele, de modo que esta “destruição criativa” pode acontecer de maneira pacífica e democrática ou de maneira revolucionária e traumática (HARVEY, 2015, p. 3).

3.2 Modernização, técnica e cidade

Até aqui, utilizando a narrativa fáustica e sua interpretação em Berman, discutimos uma atmosfera mais ampla da formação da modernidade. No entanto, a abordagem ficaria vazia se ficássemos limitados àquelas considerações mais gerais, uma vez que a noção de modernidade abarca dinâmicas concretas propiciadas pelos esforços de modernização socioeconômica. Associada à expansão do capitalismo, sobretudo a partir do século XIX, uma marca fundamental da modernidade é o novo ritmo impresso aos processos de trabalho. O historiador Edward Thompson (2006, p. 279), nesse sentido, considera o controle do tempo central, na medida em que propiciou novos ritmos de produtividade (ao lado do uso do maquinário) e sincronização de múltiplas tarefas.

Essas transformações estão associadas à efetiva integração da vida social ao mundo técnico. Especialmente a partir da segunda metade do século XIX, com o vapor, as ferrovias, a consolidação das cidades, o telégrafo, etc., essa nova realidade da produção tinha vínculos globais. Um importante diagnóstico da época foi redigido por Marx e Engels, que consideravam que

A grande indústria criou o mercado mundial, que a descoberta da América preparara. O mercado mundial deu ao comércio, à navegação, às comunicações por terra um desenvolvimento incalculável. Este por sua vez reagiu sobre a expansão da indústria, e na mesma medida em que indústria, comércio, navegação, estradas de ferro se expandiam, nessa mesma medida a burguesia desenvolvia-se, multiplicava seus capitais, empurrava a um segundo plano todas as classes provenientes da Idade Média. Vemos, portanto, como a própria burguesia moderna é o produto de um longo processo de desenvolvimento, de uma série de revoluções nos meios de produção e de transporte [...] A burguesia despojou de sua auréola sagrada todas as atividades até então veneráveis, contempladas com

piadoso recato. Ela transformou o médico, o jurista, o clérigo, o poeta, o homem das ciências, em trabalhadores assalariados, pagos por ela (MARX; ENGELS, 1998, p. 56).

Para Marx e Engels, então, a burguesia apenas existia na medida em que era capaz de revolucionar constantemente a técnica e a produção. Essa destruição criativa, dinamizada com o fluxo de capital e de riquezas do comércio global, construiu a base material da modernidade e seu símbolo por excelência: a cidade. Contando com amplo volume de circulação de pessoas, mercadorias e ideias, a cidade, entre os séculos XIX e XX, tornou-se a célula dinamizadora da modernidade e do capitalismo. As relações sociais ali desenvolvidas são emblemáticas da envergadura das transformações socioeconômicas e culturais, tanto nos países industrializados quanto nos países periféricos (lembrando, no caso brasileiro, que o Rio de Janeiro era uma das principais cidades do continente no século XIX, pois era parada obrigatória para navios no Atlântico Sul). David Harvey afirma que a cidade capitalista é um objeto de fetiche na medida em que

Isso não acontece apenas porque ela é construída tendo a circulação de mercadorias como base, ou porque, como Balzac afirma com frequência, todos nela correm, pulam e saltam sob o chicote da deusa impiedosa e da necessidade do dinheiro, ou são devorados pelo monstro que chamamos de especulação. As ruas, os bairros, os apartamentos, as escadas e as portas estão impregnados de significado social. Os seres humanos vivem o caos, a torrente dos outros, as múltiplas interações sociais e os encontros acidentais como algo que lhes é externo, ao qual precisam adaptar suas ações e formas de pensar. As relações materiais entre as pessoas são evidentes em todas as partes, assim como as inúmeras maneiras com que as relações sociais estão incorporadas no interior das coisas. Por isso, qualquer reconstrução das coisas envolve uma reconfiguração das relações sociais: ao criar e recriar a cidade, nós criamos e recriamos a nós mesmos, tanto individual quanto coletivamente. Construir a cidade como um ser sensível é reconhecer seu potencial como corpo político (HARVEY, 2015, p. 83).

Em função desse dinamismo e da atmosfera de constante interação e choque abrupto de valores e ideias, a cidade também se tornou o palco das novas insurreições e crises sociais e políticas. Justamente por isso, a abordagem da vida urbana também era problemática, ou seja, expunha as contradições e os conflitos inerentes à expansão do capitalismo e ao desenvolvimento técnico. Dolf Oehler (2013),

importante estudioso desses processos, enfatiza na literatura e na poesia oitocentistas vozes de protesto ecoando as rebeliões que tornavam a cidade o principal palco de acontecimentos. Assim, ele encontra no escritor francês Charles Baudelaire uma espécie de símbolo dessa característica frenética da vida urbana, já que o mesmo era contra qualquer conciliação de

[...] ter-se colocado de acordo com a ideologia liberal do progresso e, por conseguinte, trilhar per *aspera sed astra* o necessário caminho do desenvolvimento da humanidade, das trevas para a luz. O burguês do século XIX aprazia-se em tais representações da superação do mal com a ajuda da técnica, graças à ferrovia, ao navio a vapor, ao telégrafo, à imprensa, etc [...] A poesia de Baudelaire é o protesto urgente e veemente contra tanta ingenuidade da história da filosofia.

Além de palco dos novos ritmos de vida e dos novos conflitos políticos e sociais, a cidade abarcava uma relação com a infraestrutura. Segundo Brian Larkin (2013), o desenho do espaço urbano, especialmente a partir do século XIX, trazia novidades quanto à distribuição da técnica e dos lugares (entretenimentos, encontros, etc.). Para o autor, a configuração física do mundo urbano construía novas formas de vida e relações sociais, contando com o desenvolvimento de linhas de bonde, redes elétricas, reformas paisagísticas, demolição de cortiços, etc. Assim, a própria infraestrutura da cidade era um componente importante nas relações mais voláteis tecidas naqueles espaços sociais.

Na cidade, contudo, o predomínio do processo de individualização era notável. A maior capacidade de circulação de mercadorias e a proliferação de gostos e modas, além dos anúncios presentes na imprensa, tornavam a vida individual mais suscetível a se descolar de horizontes tradicionais e coletivos. O processo de modernização, então, alterou substantivamente as antigas relações comunitárias construídas nos meios rurais ou nas pequenas vilas do interior.

O impacto dessas transformações nas relações sociais era perceptível, por exemplo, no tipo de individualidade construído junto às cidades. A voracidade das transformações e a constante mudança na apreensão das situações condicionam a socialização a uma cadência sempre ambivalente, em que os significados tornam-se confusos e por vezes contraditórios. Nesse sentido, conforme o sociólogo alemão Georg Simmel (2005, p. 98) registrou em 1905, em uma interpretação magistral sobre o fenômeno urbano,

O fundamento psicológico sobre o qual se eleva o tipo das individualidades da cidade grande é a intensificação da vida nervosa, que resulta da mudança rápida e ininterrupta de impressões interiores e exteriores [...] Na medida em que a cidade grande cria precisamente estas condições psicológicas — a cada saída à rua, com a velocidade e as variedades da vida econômica, profissional e social —, ela propicia, já nos fundamentos sensíveis da vida anímica, no quantum da consciência que ela nos exige em virtude de nossa organização enquanto seres que operam distinções, uma oposição profunda com relação à cidade pequena e à vida no campo, com ritmo mais lento e mais habitual, que corre mais uniformemente de sua imagem sensível-espiritual de vida. Com isso se compreende sobretudo o caráter intelectualista da vida anímica do habitante da cidade grande, frente ao habitante da cidade pequena, que é antes baseado no ânimo e nas relações pautadas pelo sentimento. Pois estas lançam raízes nas camadas mais inconscientes da alma e crescem sobretudo na calma proporção de hábitos ininterruptos.

Para Simmel, portanto, a cidade propicia a formação de novos comportamentos sociais e condutas associadas à aceleração das interações. Assim, ele vinculava à vida urbana construída a partir da segunda metade do século XIX uma característica fundamental: o espírito contábil. Transações econômicas, crises, aspirações de riqueza e falências marcam a tendência quantificadora e monetarista da cidade moderna. Nesse sentido, Simmel (2005) afirma:

Com isso, o interesse das duas partes ganha uma objetividade impiedosa, seus egoísmos econômicos, que calculam com o entendimento, não têm a temer nenhuma dispersão devida aos imponderáveis das relações pessoais. E isso está, evidentemente, em uma interação tão estreita com a economia monetária — que domina nas grandes cidades e desaloja os últimos restos da produção própria e da troca imediata de mercadorias e que reduz dia a dia o trabalho para o cliente —, que ninguém saberia dizer se é inicialmente aquela constituição intelectualista, anímica, que impulsiona rumo à economia monetária, ou se é esta o fator determinante daquela. Seguro é apenas que a forma da vida na cidade grande é o solo mais frutífero para essa interação, o que gostaria ainda de comprovar com a palavra do mais importante dos historiadores ingleses da constituição: no decurso de toda a história inglesa, Londres nunca foi considerada o coração da Inglaterra, mas freqüentemente seu entendimento e sempre sua bolsa!

Mais do que um aparato de infraestrutura e um espaço cortado pela técnica (engenharia, arquitetura, etc.), a cidade foi tema por excelência da produção ficcional no século XIX. Esse será o foco do próximo capítulo, centrado na produção do escritor brasileiro Alfredo Taunay e, sobretudo, em seu romance intitulado *Encilhamento*. De muitas maneiras, os temas abordados no presente capítulo encontram, na narrativa de Taunay sobre o Rio de Janeiro do final do século XIX, uma espécie de microcosmo para abordagem das tensões e das transformações da modernidade em um país da periferia do capitalismo.

4. MODERNIDADE E CIDADE NO OBRA *O ENCILHAMENTO*, DE ALFREDO TAUNAY

Este capítulo tem o intuito de promover reflexões acerca da modernidade, tendo como base o romance *O encilhamento* (1894), de Alfredo Taunay. Serão feitas também análises histórico-sociológicas sobre a obra a partir de discussões e relações com alguns teóricos da modernidade, como Marshall Berman, Georg Simmel, Walter Benjamin e Willi Bolle. Essas discussões procurarão analisar as relações que a modernidade constrói em diversas áreas ao redor do globo e como essas possuem diversos pontos interrelacionados. Também serão discutidas as representações que a obra de Taunay realiza com o cotidiano urbano do século XIX no Rio de Janeiro, tendo como foco a crise financeira do encilhamento.

O romance urbano, nascido no século XIX, tinha como referência fundamental a cidade. O período foi justamente marcado pela definição da vida urbana no Brasil e o Rio de Janeiro – seguido por São Paulo no início do século XX – era o grande exemplo dessa transformação. Por ser uma cidade portuária e cidade da corte – posteriormente capital federal –, o Rio de Janeiro contava com intenso trânsito de pessoas, mercadorias e ideias, de modo que era a região mais propícia a desenvolver novos complexos socioculturais (NARITA, 2017b) decorrentes da exposição do país às transformações da modernidade. A narrativa de Taunay, de muitos ângulos, traz figurações importantes desses processos na aurora do período republicano.

4.1 Taunay e o romance *O encilhamento*

Alfredo Taunay (1843-1899), visconde de Taunay, membro de destaque do Partido Conservador nos tempos do império, era figura de renome na administração e nas letras. Além de senador e presidente de província, redigiu marcos importantes da passagem entre romantismo e naturalismo no Brasil, contando com romances regionalistas como *Retirada de Laguna* e *Inocência* e explorando temas urbanos, como em *No declínio*. Frequentador dos salões aristocráticos na corte imperial, Taunay teve seu patrimônio destruído com a crise econômica do início do período republicano e também assistiu à dissolução do universo aristocrático com a república. Sua posição política era, de algum modo, reveladora do conteúdo do livro:

Monarquista ressentido, e diretamente abalado em seu futuro político e em sua fortuna pessoal, sua idéia foi diminuir e desancar a República destacando as trampolinagens do Encilhamento, reais e imaginárias, construindo assim uma poderosa metáfora para promessas que a República fracassara em cumprir e, mais importante, produzindo uma das utilizações mais ferinas do ataque no campo ético como ferramenta de luta política (FRANCO, 2005).

Em Taunay, a crítica da república era pensada como uma espécie de ligação entre a atividade intelectual e sua posição política junto ao recém-derrubado império. Em muitos aspectos, a estreita relação entre atividade intelectual e política das elites do período indicava um esforço de civilização e de adesão ao cosmopolitismo dos jornais, livros, cafés e encontros em academias. Taunay, portanto, é parte desse ambiente sociocultural que incumbia às elites letradas o esforço de construção de ordem e nação em uma antiga região colonial.

Mas de onde viria o impulso para instaurar aquela ordem, sendo a sociedade bárbara e desarticulada? Naquela etapa ainda embrionária do desenvolvimento dos países da região, era inevitável que a instauração de um Estado comprometido com os valores civilizatórios dependesse primariamente da iniciativa e êxito de elites esclarecidas, cujo liberalismo e cujo patriotismo as motivassem a limitar voluntariamente o próprio poder governamental nos limites de um governo constitucional e representativo. O advento da civilização dependia de uma sociabilidade cosmopolita que, num meio social decaído a mais de um título, só poderia ser encontrada numa diminuta parcela da população correspondente à sua aristocracia. Eis por que ela deveria se colocar à testa das iniciativas governamentais para promover a civilização do país - isto é, à defesa da ordem liberal, se opondo artificialmente às naturais tendências bárbaras, isto é, autoritárias, do meio social (LYNCH, 2012).

Ao apresentar o livro *O encilhamento*, dialogando diretamente com as dinâmicas da vida urbana e as oscilações socioeconômicas do período, Taunay compôs um importante mosaico de dilemas a partir do frenesi de uma das principais cidades da América Latina, o Rio de Janeiro, e a penetração da lógica financeira ligada ao capitalismo global. Nesse sentido, conforme afirma a socióloga Angela Alonso (2008),

O livro é ao mesmo tempo descrição e sintoma da rápida mudança social dos primeiros anos da República. O desprezo de Taunay para

com os emergentes, malnascidos, mal-educados, ilustra o quanto a elite imperial não estava preparada para o aburguesamento do país. A monarquia e seu sustentáculo, a escravidão, tinham garantido a boa paz do império, com sua elite culta e autoconfiante reinando sobre os ignaros. No começo da República, as coisas se inverteram.

O romance urbano de Taunay, sobretudo *O encilhamento*, destaca a presença de diversos grupos sociais e o ambiente por excelência da modernidade: a condição da vida urbana. No final do século XIX, aliás, as condutas urbanas espelhavam ideais de educação e de civilização que se confundiam com os próprios discursos de modernidade em circulação no período (NARITA, 2017a). Além disso, por trás do cosmopolitismo típico dos grandes centros urbanos da época, é possível analisar um conjunto de expressões e situações associadas à estruturação da modernidade e do capitalismo no período. Por isso, Antonio Candido (2013, p. 629) afirma que

O mundanismo de Taunay se traduz por um certo desprezo latente em relação à boa sociedade, para ele não suficientemente polida, e pela idealização compensatória de tipos requintados, geralmente cosmopolitas, iniciados nos costumes europeus, conhecedores da etiqueta, de vinhos e citações literárias. Traduz-se ainda na banalidade dos adjetivos, a ingênua afetação de conhecimentos, o teor rasteiro de um humorismo que tenciona ser fino.

Antes de analisar a obra de Taunay propriamente dita, será feita uma análise sobre o prefácio, escrito por Veridiano Carvalho, que traça um panorama geral sobre os acontecimentos anteriores à obra e realiza uma espécie de resenha crítica da obra, apontando seu valor histórico e seu comprometimento com a veracidade dos fatos relacionados à crise econômica do encilhamento.

Logo no início do prefácio da obra, percebe-se que o intuito literário de Taunay, segundo Carvalho, não era somente agradar ao público burguês da época e criar um mero folhetim, mas sim conceber uma obra com valor crítico. Herdeiro do campo aristocrático do império, então, o empobrecido Taunay não deixava de ser, também, um dos primeiros críticos da nascente república. Sob o pseudônimo de Heitor Malheiros, Taunay, muito além da literatura, tinha grande conhecimento sobre filosofia, história e artes:

Percebeu-se logo que a obra não era de quem fazia as primeiras armas na imprensa e sim de amestrado manejador da penna,

familiarizado de ha muito com as sciencias positivas, com as bellas letras e com as bellas artes. (TAUNAY, 1894, p. VII).

Em seguida, pode-se observar também uma comparação entre os cenários das cidades do Rio de Janeiro e de Paris, mostrando que o ambiente carioca da crise carregava certas semelhanças com a capital francesa. Esse exercício, aliás, era bastante comum no período, tendo em vista o imaginário de Paris como uma espécie de síntese dos desenvolvimentos da modernidade.

No Encilhamento da encruzilhada das ruas da Alfandega e Candelaria, verdadeiro carrefour de écrases, como o da rua de Montmartre, em Paris (TAUNAY, 1894, p. VIII).

Veridiano segue tecendo elogios a Heitor Malheiros e como este consegue sintetizar boa parte dos acontecimentos ligados à crise, com grande conhecimento dos fatos:

Em princípios de 1893, com primor de fórmula, elevação d' *style*, devidas não só á provada competencia como á calma que preside ao methodico agrupamento de dados, ao conhecimento a posteriori do encadeamento dos acontecimentos pôde Heitor Malheiros fazer a *synthese* do comercio, das finanças, da administração política, da vida publica e da vida privada, enfim: do estado social do Brazil na minoridade da Republica sob a tutela do governo provisorio. (TAUNAY, 1894, p. X).

Percebe-se, por meio de algumas citações selecionadas por ele, que o romance abarca informações e narrativas que mostram os preliminares acontecimentos à crise. Nesse cenário, a presença da especulação financeira é o foco para o ritmo acelerado da vida na cidade e o frenesi das transformações, que oscilavam do luxo ao lixo em passagens rápidas e tipos sociais (banqueiros, comerciantes, investidores, etc.) típicos da cidade moderna. Assim,

Pullularam os bancos de emissão e quasi diariamente se viam na circulação monetaria notas de todos os typos, algumas novinhas, faceiras, artisticas, com figuras de bonitas mulheres e symbolos elegantes, outras sarapintadas ás pressas, emplastradas de largos e nojentos borrões. (TAUNAY, 1894, p. XI).

Travavam a responsabilidade do paiz em somas pavorosas e brincava-se com o credito, o nome e o porvir da nação. (TAUNAY, 1894, p. XII).

Novamente, Carvalho irá mostrar que Malheiros traz muito da realidade à sua obra e até, como este aponta, cria personagens satíricos, baseados em figuras importantes da época. Justamente por isso, o romance indica temas importantes para uma apreciação e uma crítica das transformações em curso. Nesse sentido,

Narrados como estão no romance os factos, as denominações metaphoricas são substituidas mentalmente com os nomes verdadeiros, pelo leitor que as conheceu ou teve delles noticias em 1890, 1891 e 1892 (TAUNAY, 1894, p. XIII).

Após isto, o prefácio é finalizado com uma passagem de Carvalho, que expressa muito bem o papel da literatura em relação aos fatos ocorridos. A função da literatura é, recorrentemente, segundo ele, uma maneira de transformar a realidade em entretenimento, crítica e reflexão:

Não peço applausos para o autor d'O Encilhamento; porque elle telosha expontaneos de todos os que, conhecendo a praça do Rio, verão desenrollar-se neste livro, com a verdade d'uma reproducção photographica, os painéis das scenas de 1890, 1891 e 1892 artisticamente coloridos por pseudonimos e pela amenidade da forma litteraria que torna toleravel e até aprasivel o assumpto aspero e repugnante de tais factos, como os escipientes tornam toleraveis, para os organismos susceptíveis, substancias excessivamente acres, sem lhes tirar a menor propriedade medicamentosa (TAUNAY, 1894, p. XVI).

O foco deste capítulo não é realizar uma análise especificamente da forma literária, mas sim analisar a obra do ponto de vista histórico-sociológico e as interfaces temáticas com processos que caracterizam a modernidade. A análise que será realizada focará em aspectos gerais da obra e irá apontar e destacar recortes históricos relacionados à vida moderna da época. Porém, antes de desdobrar o conteúdo literário, convém analisar a situação tematizada por Taunay, ou seja, a crise econômica decorrente do encilhamento e a combinação de transformações sociais (urbanas) e instabilidade dos primeiros tempos republicanos.

4.2 Modernidade, crise, economia monetária e encilhamento

Herdando a crise econômica do fim do período imperial, a instalação do governo republicano em 1889, decorrente de um golpe militar que depôs o último

gabinete do império, lidou com o aprofundamento da deterioração socioeconômica. Tannuri analisa “o Sistema Monetário e o Sistema de Crédito num contexto mais amplo, que inclui a atividade econômica como um todo e, portanto, as características da produção” (TANNURI, 1981, p.1) do encilhamento e da economia do Brasil no período de 1889 a 1900. Sobre este período, o autor afirma:

Aplicamos este método às características gerais da Economia Brasileira, no período de 1889 a 1900. Este período é pródigo em eventos pertencentes à esfera da circulação, tais como: intensa acumulação financeira, criação de bancos emissores, papel relevante desempenhado pelo endividamento público, crise bancária em 1900, etc., os quais merecem um exame bastante detalhado, à luz da evolução do ciclo cafeeiro. Para tanto devemos nos ater às diversidades regionais existentes, e sô a partir desse quadro perceber-se-ão os efeitos da política monetária e creditícia, bem como, o significado das alterações das normas de conduta dessa política (TANNURI, 1981, p. 2).

Segundo ele, três movimentos de atividade produtiva caracterizam a época: a decadência do café fluminense, o extraordinário desenvolvimento da cafeicultura paulista e seus efeitos na indústria e a industrialização do Rio de Janeiro e de São Paulo (TANNURI, 1981, p.2). O autor discorre também sobre a forte presença de bancos ingleses no mercado financeiro brasileiro (como o London and Brazilian Bank, inclusive este é citado no livro de Taunay) e sua relação com a indústria carioca, representada pela praça do Rio de Janeiro, sendo esta o maior entreposto importador e exportador do Brasil (TANNURI, 1981, p. 19).

A disponibilidade de capitais, tendo em vista a conversão das divisas cafeeiras e do boom da borracha na região amazônica, tornava o Brasil um espaço para investimentos em infraestrutura (ferrovias, portos, vapor, telégrafo, etc.) e modernização. Tratando ainda da industrialização fluminense, Tannuri afirma que:

Outro fato importante é que o movimento da industrialização carioca está particularmente vinculado à política monetária e ao "Encilhamento, entendido aqui, como alta prolongada de ações da bolsa. É claro que esta vinculação deve ser vista muito mais como reforço do que como gênese. Pois como vimos, a indústria de maiores dimensões vai se instalando no curso da década de 1880. A reativação do mercado acionário, a criação de vários Bancos e o aparecimento de novos ativos financeiros, vão fornecendo crédito, que, apesar de caro, veio permitir certo alento à indústria carioca, que vinha de uma difícil situação financeira, no decorrer de todo esse período (1870-1890). (TANNURI, 1981, p. 57)

O autor discute também a ideia do teórico Rudolf Hilferding, enfatizando como esta alta prolongada de ações da bolsa levou a uma alta taxa de juros que proporcionou muito lucro e beneficiou os bancários capitalistas (TANNURI, 1981, p. 59):

[...] a subida extraordinária de juros, que não só proporcionam lucros extraordinários aos bancos e capitalistas bancários, senão que os convertem em senhores absolutos do mercado monetário e lhes dão a ditadura sobre a especulação e a Bolsa, assim como também a produção mediante a gestão do sistema de ações e a concessão de crédito.

Rui Barbosa, com sua política do encilhamento em 1891, tentou controlar a crise financeira que o Brasil vivia, buscando eliminar gradativamente a dívida interna e facilitar o crédito para incentivar à industrialização do país. Porém, segundo Tannuri, Barbosa acabou associando-se à banqueiros e não levou em conta o funcionamento da economia urbana fluminense, um oligopólio financeiro foi formado e aos poucos o sistema financeiro de Barbosa foi desmoronando (TANNURI, 1981, p. 66). A circulação de dinheiro sem lastro, ainda, multiplicou possibilidades de falsificação e afundou a economia brasileira em uma crise e uma bolha especulativa que se estenderia até o início do século XX.

Somando-se a isso, também podemos destacar a instabilidade política dos primeiros anos do período republicano. Além do autoritarismo dos governos militares de Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto, as diversas revoltas do período (revoltas militares no Rio de Janeiro e no Sul, bem como a guerra de Canudos no sertão baiano) e a incômoda presença de movimentos monarquistas colocavam em xeque a própria legitimidade da ordem republicana.

Analisando o romance de Taunay de maneira geral, percebe-se que boa parte dos temas retratados são relacionados ao cotidiano da bolsa, às críticas ao regime republicano, aos retratos das políticas e das consequências do encilhamento, e à vida burguesa urbana do Rio de Janeiro do século XIX, precisamente nos anos de 1891 a 1893. O autor, então, dialoga com as condições de formação da vida urbana e de modernização do Brasil.

O *encilhamento* é essencialmente um romance histórico e moderno que representa com precisão muitos dos conflitos e contradições que a modernidade

abarca, e como estes se relacionam com os acontecimentos do Rio de Janeiro da década de 1890, à chegada da República de maneira compulsória e à modernização e urbanização constantes presentes na cidade.

Diversas manifestações modernas presentes no Rio de Janeiro podem ser encontradas nos trechos da obra de Taunay. Logo na primeira página da obra, por exemplo, o narrador informa:

Embora de inverno, pungia o sol esperto, um tanto caustico. Pouco, porém, se lhe importava o calor á multidão que enchia, barulhenta e agitada, todo o trecho final da Alfandega até á Primeiro de Março, transbordando pelos dous ramos lateraes da apertada e torta viéla, mais que rua, chamada de Candelaria, nos arredores do edifício do Banco do Brazil. Debalde apitavam impacientes e estrídulos os bondes a pedirem passagem; debalde praguejavam, vociferando insolentes, os carroceiros e manejando a custo no meio do povo os pesados vehiculos; ninguém quase se abalava para os evitar na compacta massa, que ora se intumescia e oscilava com movimentos isométricos e combinados, ora de repente se dividia, rareava e se espalhava para ir adiante, logo e logo, formar novos e mais densos agrupamentos. (TAUNAY, 1894, p. 1).

Lendo e analisando certos trechos da obra, o leitor se vê transportado para o cotidiano urbano dos anos 1890 e é capaz de refletir sobre muitos dos aspectos que formam uma cidade moderna. Refletir sobre uma obra moderna, como *O encilhamento*, permite aos leitores compreenderem as angústias e as dicotomias que o autor vivenciava sendo ele próprio um escritor enredado pelas instabilidades decorrentes da vida moderna. Como uma crítica contundente da crise em que estava mergulhada a república, a obra de Taunay capta o fato de que

[...] o período foi marcado, especialmente no Rio de Janeiro, pelo rápido avanço de valores burgueses. Velhos monarquistas, como Taunay, expressaram seu escândalo frente à febre de enriquecimento, ao domínio absoluto de valores materiais, à ânsia de acumular riquezas a qualquer preço, que tinham dominado a capital da República (CARVALHO, 1987, p. 42).

A análise destes autores e destes ambientes ao redor da história e do mundo, tendo em vista as forças da modernização, permite compreender o papel dos indivíduos e da reflexão intelectual no meio do turbilhão de acontecimentos da modernidade. Segundo Berman,

Podemos aprender de maneira considerável com os primeiros modernistas, não tanto sobre o seu, mas sobre o nosso próprio tempo. Nós perdemos o controle sobre as contradições que eles tiveram de agarrar com toda a força, a todo momento, em suas vidas cotidianas, para poderem sobreviver, afinal. Paradoxalmente, é bem possível que esses primeiros modernistas nos compreendam — a modernização e o modernismo que constitui nossas vidas — melhor do que nós nos compreendemos. Se pudermos fazer nossa a sua visão e usar suas perspectivas para nos ver e ao nosso ambiente com olhos mais desprevenidos, concluiremos que há mais profundidade em nossas vidas do que supomos. Veremos a imensa comunidade de pessoas em todo o mundo, que têm enfrentado dilemas semelhantes aos nossos. E voltaremos a tomar contato com uma cultura modernista admiravelmente rica e vibrante que tem brotado dessas lutas: uma cultura que contém vastas reservas de força e saúde, basta que a reconheçamos como nossa. Pode acontecer então que voltar atrás seja uma maneira de seguir adiante: lembrar os modernistas do século XIX talvez nos dê a visão e a coragem para criar os modernistas do século XXI. (BERMAN, 2007, p. 35)

Taunay alterna sua obra entre um romance folhetinesco, cheio de clichês românticos e burgueses, como triângulos e conflitos amorosos, com um romance histórico, que se preocupa com a veracidade e acuidade das representações. Com seu valor crítico e histórico-sociológico, trazendo em sua obra literária não somente a estrutura dos romances românticos da época, o autor indica relações com política, economia e história. O autor traz também muito de suas convicções político-filosóficas, e constantemente deixa estas claras por meio de críticas ferrenhas à chegada da República e às suas políticas governamentais, destacando seu posicionamento monarquista. O autor traz muito deste posicionamento por meio da fala de seus personagens.

No primeiro capítulo do livro, por exemplo, já se encontram parte das críticas do autor ao governo vigente, à sua burocracia e à constante ineficiência do governo em resolver as questões econômicas do país. Além disso, a destituição do Estado imperial foi acompanhada por um intenso realojamento de funções administrativas e cargos, trazendo aspirações de carreirismo e ascensão rápida a grupos sociais e políticos até então deslocados do *mainstream* político-institucional. Assim, conforme o narrador,

Do alto descia, senão bem ás claras o exemplo, pelo menos o incitamento. O governo, na entontecedora ancia de tudo destruir, tudo derrubar, mettido nos escombros da demolição, coberto de calça e de

poeira, anhelante das glórias da reconstrução no menor prazo, às carreiras, sem demora, olhando pouco para a natureza e qualidade dos elementos e materiais de que se ia servindo, visando efeitos imediatos, como que esquecido do futuro e do rigor da lógica, a amontoar premissas de que deviam fatalmente decorrer as mais perigosas consequências, o governo, com a faca e o queijo na mão, promulgava decretos sobre decretos, expedia avisos e mais avisos, concessões de todas as espécies, garantias de juros, subvenções, privilégios, favores sem fim, sem conta, sem nexos, sem plano, e d’ahi, outros tantos contrachocos na bolsa, poderosíssima pilha transbordando de electricidade e lethal pujança, madeiros enormes, impregnados de resina promptos para chamejarem, atirados a fogueira imensa, colossal (TAUNAY, 1894, p. 7-8).

Também no início do livro, é apresentado o conceito de “encilhamento”, este derivado da linguagem dos jóqueis da época, onde é feita a última preparação com o arreamento dos cavalos para à corrida. Durante a crise, decorrente da política econômica republicana, posteriormente, o termo passou a ser utilizado em uma alusão entre a constante disputa dos variados investidores da bolsa à corrida dos cavalos, onde poucos desses poderiam vencer, para se referir pejorativamente ao frenesi da competição financeira e à crise e à política econômica dela decorrente logo nos primeiros anos republicanos:

“Era o Encilhamento, palavra quasi genial do povo, adaptada da linguagem característica do Sport – local em que se dá a ultima de mão aos cavallos de corrida antes de atiral-os á raia da concorrência e forçal-os, ofegantes e em supremos esforços, a pleitearem o premio da victoria. E, quantos, montados por habeis jockeys, cuja existencia se passa a fazel-os ganhar ou perder á vontade, quantos não tinham de ficar em meio da arena, vencidos, humilhados, arquejantes, o pello alagado de mortal suor, a curtirem as vergonhas e as angustias da derrota, com as pernas a tremer, o coração a estalar da vertiginosa carreira, para que um unico, um só, o mais rápido, o mais feliz, ou o mais bem guiado pela trapaça do cavalleiro, atingisse a méta, e arrebatasse, entre delirantes aclamações, o ambiccionado laurel, aproveitado em seus rebotalhos, quando muito, por mais dous ou três companheiros de gloria hippica. (TAUNAY, 1894, p. 4).

Refletindo sobre esta passagem, pode-se observar o quão selvagens e caóticas eram as disputas entre os investidores e de como pouquíssimos conseguiam atingir a busca do tão sonhado “prêmio”, ou seja, arrebataram papéis de alto valor e enriquecer rapidamente. Esse processo mostra a exposição do Brasil às transformações do capitalismo financeiro, então nascente, tendo em vista a penetração da economia monetária e as operações do capital internacional.

Além de apresentar o cotidiano desordenado da cidade e da vida burguesa moderna do Rio de Janeiro, Taunay traz representações sobre o cotidiano da bolsa e das inúmeras multidões de investidores dos mais variados tipos, que se multiplicavam desenfreadamente e digladiavam por ações, por meio da circulação constante de títulos financeiros. Assim, o espaço da cidade também era tematizado como o momento de conflitos e choques abruptos em uma socialização cada vez mais mediada pelo capital e pelo dinheiro:

Não interrompesse, mal tinha 10 minutos que lhe dar... nem mais um segundo! Quando se abriram as portas do escriptorio, no dia marcado para a subscrição, precipitara-se um pováreo de metter medo, cabeças que nem formigas, tudo logo cheio, corredores, patamar, a escada toda, e uma gritaria de seiscentos mil diabos! “Não me empurre”; “Arre, tenha educação”; “Não seja grosseiro”; “Inscreva-me com 500 acções”; “Ponha já 5000 no meu nome!”; E pontapés, soccos, bofetadas. Atiravam-se massos de contos de réis no balcão, sem se saber de quem. Uma pandega! Houvéra chiliques, desmaios, sujeitos impresados contra as grades, que berravam como porcos no matadouro. Enfim, duas horas depois, a subscrição coberta sete, oito vezes, oito! Era preciso ver o Lamarim. Que serenidade! Que elevação! Aconselhava a todos com muito bons modos: “Calma, prudencia, meus senhores; tenho ainda umas dez ou doze empresas que lançar. (TAUNAY, 1894, pp. 22-23).

Multidões, em sua maioria, despreparadas e movidas pelos investimentos sem ter conhecimento destes, ou seja, grupos sociais movidos pela pura impulsividade e pela ideologia de enriquecimento rápido. Médicos, juízes, artesãos e vendedores, todos buscavam uma fração das imensas riquezas prometidas pela bolsa e pela miragem de abundância econômica da produção. Este comportamento da população, retratado pelo autor em muitas passagens, contribuiu para o aprofundamento da crise do encilhamento, já que a especulação financeira era muito presente entre seus investidores, ou seja, muita circulação de moeda e títulos e pouco lastro em ouro, causando um estouro desta bolha financeira:

De vez em quando, nelles se abriam sinnosos sulcos, por onde, colleando, se esgueiravam azafamados, ligeiros e geitosos, corretores e sobretudo zangões, este em numero incalculável, de todas as idades, rubros, banhados em suor, com o chapéo cahido sobre a unca e o lenço em torno do pescoço com babadouro, a gritarem compro, vendo, sem particularizarem o que pretendiam comprar ou vender (...) Terrível o aperto, completos o acotovelamento e a igualdade; todas as classes da sociedade misturadas, confundidas, enoveladas, senadores, deputados, médicos de nota ou sem clinica, advogados

bem reputados ou desprestigiados, magistrados de fama, milhares, um mundo de desconhecidos, outros infelizmente demasiado conhecidos; homens vindos de todos os pontos do Brasil. (TAUNAY, 1894, pp. 1-2).

A posição do próprio narrador, nesta passagem, pode ser analisada tendo em vista o pensamento de Walter Benjamin e as análises de Willi Bolle, uma vez que ambos analisam o caráter de estranhamento do *flâneur* (em uma tradução livre, o transeunte, um indivíduo urbano que caminha a esmo pelas multidões e pelas ruas). Figura tipicamente urbana, sobretudo nas grandes cidades do final do século XIX e início do XX, o *flâneur* observa a alma e o movimento das ruas tendo em vista as dinâmicas de exibição dos comportamentos na cidade. Benjamin, em suas discussões sobre a vida urbana e a modernidade, analisa o papel desses indivíduos junto às multidões:

O flâneur ainda está no limiar tanto da cidade grande quanto da classe burguesa. Nenhuma delas ainda o subjugou. Em nenhuma delas ele se sente em casa. Ele busca o seu asilo na multidão. Em Poe e Engels encontram-se as primeiras contribuições para a fisionomia da multidão. A multidão é o véu através do qual a cidade costumeira acena ao flâneur enquanto fantasmagoria. Na multidão a cidade é ora paisagem, ora ninho acolhedor. A casa comercial constrói tanto um quanto outro, fazendo com que a flânerie se torne útil à venda de mercadorias. A casa comercial é a última molecagem do flâneur. Com o flâneur, a intelectualidade parte para o mercado. Pensa que é para dar uma olhada nele; na verdade, porém, já para encontrar um comprador. (BENJAMIN, 1991, p. 39).

Seguindo mais à frente no livro, temos uma cena entre dois sujeitos, um bem instruído na vida monetária e do mercado de investimentos, e outro em situação mais desfavorável, representados pelos personagens Roberto e Menezes, respectivamente. Enquanto um está totalmente atônito sem compreender os acontecimentos a sua frente, o outro está agindo freneticamente e mal consegue dar atenção a seu companheiro. Podemos analisar esta passagem como uma espécie de alegoria dos conceitos do moderno e do tradicional, do velho e do novo, em que Menezes representa o antigo, que se vê perplexo por não conseguir acompanhar toda a confusão da bolsa e o vocabulário do mundo financeiro de Roberto, de modo que este representa a modernização e o novo:

— Quem é? perguntou Menezes. Como? Deveras não o conhecia? Mas em que mundo vivera? D'onde sabia, santo Deus! (TAUNAY, 1894, p.18)

— .5, 000 irreductíveis? Não entendo. Vivo tão alheio á linguagem bolsista, á gyria de vocês. (TAUNAY, 1894, p.18)

Deus do céu, que atrazo o do Menezes! E quanto tempo estava alli perdendo, talvez coutos de réis (TAUNAY, 1894, p. 19).

A cidade, então, é o espaço para tipos morais e fisionomias sociais. Willi Bolle discute as análises de Benjamin a respeito destes dois conceitos contraditórios da seguinte maneira:

A fisiognomia benjaminiana da grande cidade é entendida como um paradigma de reflexão sobre um fenômeno contraditório da Modernidade. Observa-se, nos séculos XIX e XX, o choque entre, de um lado, os ideais da “modernização” e do “progresso” e, do outro, o atraso e a barbárie reais [...] (BOLLE, 1994, p. 18).

Taunay, além de tratar sobre quais eram os tipos de investidores, suas classes sociais e suas intenções para com a economia, também retrata parte da questão que envolve a especulação e falta de lastro em ouro, que, como dito anteriormente, envolveu-se estritamente com a crise do encilhamento. Esse processo está associado à necessidade de acúmulo e ao predomínio, na cidade, de comportamentos racionalizados pela quantificação e pela economia monetária. Por isso, afirma Taunay em relação à figura de Roberto,

Quanto a elle, só tratava de fazer dinheiro. O incontestável é que se nadava em mar de ouro; todos ganhavam ninguém perdia; um céu aberto, cousa nunca vista! E como Menezes contestasse a existência do ouro, querendo substituí-lo por papel, replicava muito gúrrulo e até meio zangado, que se deixasse d'isso – ouro era o que ouro valia. Com o tal papel sujo, róto, esfarrapado ou muito novinho e catita, comprava ou não tudo que carecia? (TAUNAY, 1894, p. 16).

Logo no primeiro capítulo pode-se observar que o autor não pretende construir uma narrativa que busca somente entreter ao público burguês da época, mas sim construir uma narrativa crítica e precisa do cotidiano de sua época, trazendo muitas representações da modernidade na cidade do Rio de Janeiro. Taunay, por meio de suas exposições, representa bem o “turbilhão da vida moderna” de Berman ou mesmo as contradições da cidade de Benjamin: processos que atingiram e atingem os centros

urbanos modernos pelo mundo. Segundo Berman, este emaranhado de acontecimentos altera antigas estruturas e gera graves e irreversíveis consequências à sociedade:

O turbilhão da vida moderna tem sido alimentado por muitas fontes: grandes descobertas nas ciências físicas, com a mudança da nossa imagem do universo e do lugar que ocupamos nele; a industrialização da produção, que transforma o conhecimento científico em tecnologia, cria novos ambientes humanos e destrói os antigos, acelera o próprio ritmo de vida, gera novas formas de poder corporativo e de luta de classes; descomunal explosão demográfica, que penaliza milhões de pessoas arrancadas de seu habitat ancestral, empurrando-as pelos caminhos do mundo em direção a novas vidas; rápido e muitas vezes catastrófico crescimento urbano; sistemas de comunicação de massa, dinâmicos em seu desenvolvimento, que embrulham e amarram, no mesmo pacote, os mais variados indivíduos e sociedades; Estados nacionais cada vez mais poderosos, burocraticamente estruturados e geridos, que lutam com obstinação para expandir seu poder; movimentos sociais de massa e de nações, desafiando seus governantes políticos ou econômicos, lutando por obter algum controle sobre suas vidas; enfim, dirigindo e manipulando todas as pessoas e instituições, um mercado capitalista mundial, drasticamente flutuante, em permanente expansão. (BERMAN, 2007, p.16)

O autor também retrata como os habitantes do Rio de Janeiro daquela época viviam em meio a uma cidade caótica, marcada pela urbanização e modernização desordenadas. Este cenário estava muito relacionado com o que Taunay definia como o “Encilhamento – especie de redemoinho fatal, de Maelstrom oceânico, abysmo insondavel” (TAUNAY, 1894, p. 5). Os indivíduos estavam perdidos em um turbilhão, um furacão de pensamentos, de acontecimentos e de mudanças constantes, gerando desorientação e desenraizamento dos valores tradicionais. Além disso, os próprios espaços de sociabilidade e a esfera pública – fartamente presentes na narrativa urbana de Taunay – indicavam novos atores circulando em meio a jockeys, casas de jogos, praças, Rua do Ouvidor, bares, etc.

Como já dito anteriormente, Taunay traz representações pertinentes que permitem refletir acerca dos processos de modernização e urbanização da cidade do Rio de Janeiro e de como estes foram alterando a paisagem da cidade involuntariamente. Convém realçar, também, que o período era marcado por planos de reformas urbanas e tentativas de embelezamento de áreas da cidade, tendo como inspiração sobretudo as cidades europeias e o requinte da belle époque (NEEDELL, 1987). Nesse contexto, o narrador indica:

Então, que dizer do Rio de Janeiro? Ruas e até simples quarteirões viam constituírem-se companhias para transfigural-os de momento em avenidas de suprema elegância, com todos os requintes do mais exigente policiamento (TAUNAY, 1894, p.12).

Mais do que representar os indivíduos modernos do Rio de Janeiro, Taunay procura trazer também a mentalidade destes indivíduos, marcada pela ansiedade, desespero, individualidade e pelo individualismo burguês, tornando o sucesso e o fracasso uma questão de mérito pessoal. Esse fundo sociocultural, tematizado à luz da crise republicana, confere contornos ainda mais frenéticos e oscilantes, em relação à vida moderna, a partir da busca por ascensão a qualquer custo e pelo enriquecimento desenfreado e sem precedentes de alguns grupos da população urbana. Taunay cria algumas representações metafóricas para a incessante busca dos indivíduos daquela época por riquezas na bolsa, de modo que, segundo ele,

Por sobre todos pairava uma anciedade opressora, deliquescente, de esperanças e receios, como que fluido indefinível, eléctrico, febril, intenso, que, emergindo do seio da multidão, a envolvia em pesada atmospheria com prenúncios e flutuações de temporal certo, inevitável, mas ainda distante, longe, bem longe – a fome do ouro, a sêde da riqueza, a sofreguidão do luxo, da posse, do desperdício, da ostentação, do triumpho, tudo isso depressa, muito depressa, de um dia para outro! (TAUNAY, 1894, p. 3-4).

Para o autor, estes estavam em meio a um jogo perigoso, pois envolto em riscos e desastres socioeconômicos iminentes, mas ao mesmo tempo atraente e sedutor (TAUNAY, 1894, p. 4). Em meio ao mal-estar social e à derrocada repentina de fortunas em função da crise econômica do encilhamento, a riqueza, a tão sonhada promessa de fortuna, era enxergada como um bilhete de loteria a ser ganho pelos investidores (TAUNAY, 1894, p. 6). Esses traços do romance urbano de Taunay resvalam, além dos processos da modernidade, em características típicas da vida urbana no período.

O sociólogo Georg Simmel, no começo do século XX, discorreu sobre alguns desses sentimentos discutidos anteriormente como fenômenos sociais muito presentes nos grandes centros urbanos. Assim, a individualidade, a ansiedade, a angústia de viver em uma cidade caótica e o espírito ou a mentalidade intrinsecamente monetária dos habitantes dos centros urbanos eram características associadas aos hábitos e às exigências da cidade. Simmel analisa este pensamento burguês (que se encontra fortemente presente na obra de Taunay) da seguinte forma:

O homem pautado puramente pelo entendimento é indiferente frente a tudo que é propriamente individual, pois do individual originam-se relações e reações que não se deixam esgotar com o entendimento lógico — precisamente como no princípio monetário a individualidade dos fenômenos não tem lugar. Pois o dinheiro indaga apenas por aquilo que é comum a todos, o valor de troca, que nivela toda a qualidade e peculiaridade à questão do mero “quanto”. (SIMMEL, 2005, p. 579)

Outro ponto de Simmel em convergência com a narrativa de Taunay em relação aos fenômenos sociais decorrentes do encilhamento é que as cidades empenham um papel fortíssimo em relação às questões monetárias:

As grandes cidades sempre foram o lugar da economia monetária, porque a multiplicidade e concentração da troca econômica dão ao meio de troca uma importância que não existiria na escassez da troca no campo (SIMMEL, 2005, p. 578).

Na narrativa de Taunay, diante do predomínio da lógica monetária e da concentração populacional das cidades, a própria relação entre os indivíduos tornava-se impessoal e reificada como se fosse um trato entre coisas. Além das artimanhas dos personagens para ganhos a todo custo, as próprias relações amorosas, em Taunay, eram também tematizadas como interesseiras e reféns da exibição diante da “boa sociedade” e dos modos urbanos/civilizados. Por isso, a vida urbana era sinônimo de redução da individualidade, pois

É-lhes comum a pura objetividade no tratamento de homens e coisas, na qual uma justiça formal frequentemente se junta com uma dureza brutal. O homem pautado puramente pelo entendimento é indiferente frente a tudo que é propriamente individual (SIMMEL, 2005, p. 579)

Após as análises realizadas no presente trabalho é importante ressaltar que apenas alguns recortes da obra foram selecionados e estes focaram-se nos aspectos históricos e modernos presentes no pensamento de Alfredo Taunay, tendo em vista o objetivo de promover reflexões e agregar a literatura referente à modernidade, contribuindo para futuras análises sobre esta. Assim, articulando representações sobre a modernidade e a vida urbana, a narrativa urbana de Taunay expõe figurações que incorporam as contradições e as aspirações de uma sociedade em transformação, cujos ritmos de vida eram profundamente alterados em contextos de

crise. Além disso, a análise da narrativa de Taunay e das figurações da vida moderna em construção permite investigar a formação das primeiras críticas ao governo republicano – no caso, críticas de um escritor e político comprometido com os valores perdidos da monarquia, observando com espanto o ritmo de transformações socioculturais na modernidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste estudo foi possível chegar a algumas reflexões muito pertinentes acerca das influências do meio social, cultural e econômico nos processos criativos e metodológicos tanto do historiador como do escritor ou do poeta. Além disso, também destacamos como a História e a Literatura possuem aproximações e zonas de interface marcadas pela narrativa e pelo discurso. Identificamos nesta pesquisa como os fatores sociais e culturais influenciam no papel dessas relações entre texto e contexto, pensando uma relação de interdependência entre obra literária e processo histórico.

Como foi citado anteriormente neste trabalho, a obra literária, e também a obra historiográfica, são os frutos de uma grande árvore, que dependem da natureza, do clima e de suas condições ambientais (de seu meio social) para serem produzidos, e são indissociáveis entre si. Cada obra traz, em si mesma, traços e resquícios de seu produtor e da sociedade em que foi produzida. A própria obra de Goethe, *Fausto*, analisada por Marshall Berman, representa grande parte do contexto moderno pré-Revolução Francesa e Industrial, apresentando tanto as dicotomias do autor como dos indivíduos modernos de sua sociedade e das sociedades que o sucederam. Tal obra nos faz refletir sobre como uma produção literária consegue representar toda uma mentalidade moderna marcada pelo anseio de desenvolvimento, modernização e industrialização exacerbados, ou seja, todo um contexto cultural e social pode ser analisado. É importante também frisar que, por mais que *Fausto* represente muito da época revolucionária e frenética de seu autor (séculos XVIII e XIX), ele também representa e influencia os processos modernos e a própria modernidade.

Tendo estes argumentos como base, a importância da obra literária para a historiografia fica evidente, pois, se mesmo uma obra sendo ficcional traz figuras (representações) de uma sociedade e de seus processos sociais, econômicos e culturais, logo ela é uma fonte tão pertinente quanto outras. Porém, como já dito anteriormente, ela só deve ser utilizada mediante regras e controles metodológicos para, assim, ser analisada de maneira consistente na pesquisa historiográfica. Pensando nesta questão, o estudo focou em análises representacionais da modernidade no romance *O encilhamento*, de Alfredo Taunay, buscando identificar e analisar o ambiente frenético e caótico do Rio de Janeiro dos anos 1890, em meio à

forte crise financeira que abalou e alterou as estruturas urbanas e as relações sociais na principal cidade brasileira.

Para analisar estas representações modernas do autor, foram realizadas discussões entre os conceitos e as questões envolvendo as noções de modernidade, tanto por meio das análises de Berman sobre as figurações modernas em Goethe, quanto por meio de outros teóricos modernos que discutem as questões da modernização dos centros urbanos. A cidade, como palco das inovações industriais e culturais, é perfeita para definir o processo de modernização capitalista, pois nela é possível identificar como o advento de novos processos técnicos, como o vapor, as ferrovias e o telégrafo trazidos pelo capitalismo burguês, tiveram um papel revolucionário no meio urbano, acelerando o ritmo de vida e de trabalho estritamente relacionados à produção industrial capitalista. Essa aceleração da vida urbana gerou novos comportamentos sociais fortemente ligados ao pensamento burguês, como o individualismo e a intensificação das relações meramente contábeis e materialistas entre os indivíduos urbanos.

A mentalidade desses indivíduos foi alterada pelos novos processos tecnológicos capitalistas. A antiga vida rural foi engolida pelas máquinas, o lento estilo de vida do campo foi tomado por um estilo de vida frenético e impessoal, as antigas estruturas e infraestruturas foram alteradas e deram espaço para um ambiente extremamente tecnológico focado na produtividade capitalista. As modas e as relações efêmeras (contatos passageiros), tão presentes na narrativa de Taunay, também são signos importantes da modernidade.

Partindo destas discussões, o romance de Taunay foi analisado a partir da identificação, em muitas passagens da obra, de figurações da vida urbana moderna do Rio de Janeiro do século XIX. Nesse sentido, traços como o individualismo, as relações econômicas e o intenso processo de industrialização despontam como temas de destaque. Tais processos alteraram fortemente o cotidiano e o modo de vida dos indivíduos. Então, o romance também foi inserido no contexto econômico e social da época, uma vez que seu tema dialoga diretamente com o grave quadro socioeconômico do início da república brasileira. A obra, publicada em 1893, consiste em um folhetim e é composta por uma trama que visava chamar a atenção do público leitor e mantê-lo preso à narrativa. Por isso, o autor utiliza diversos clichês românticos para atrair a atenção dos leitores, como triângulos e conflitos amorosos. No entanto, para além dos clichês e dos dramas amorosos, o que a diferencia de muitas obras de

seu período é o fato de Taunay conseguir mesclar clichês burgueses com representações fiéis a seu cotidiano, mostrando a vida caótica dos bares, teatros, lojas e bancos da cidade carioca.

Mais do que representações de lugares, o autor nos mostra muito da mentalidade burguesa do período, fortemente marcada pela crise do encilhamento e pela lógica financeira, que fez com que a grande massa urbana, de juízes a médicos e de vendedores a artesãos, disputasse um pedaço do grande bolo de ações e oportunidades fáceis promovidas pela especulação financeira. O mérito do romance é nos transportar para o cotidiano daquela época, nos fazendo refletir como a República chegou de uma maneira inesperada para os cidadãos cariocas e de como muitos destes não faziam muita ideia do que estava ocorrendo no momento. O *encilhamento* é essencialmente um romance moderno, pois é carregado de dicotomias, retratando como o Rio de Janeiro reagiu a todas as mudanças que estavam ocorrendo ao mesmo tempo no período (chegada da República, a crise financeira, a industrialização e modernização desorganizadas), de modo que todos estes processos levaram a um caos urbano que alteraram a mentalidade dos habitantes da cidade.

O intuito do trabalho foi retratar e analisar algumas das figurações presentes no romance de Taunay e contextualizá-las com alguns teóricos da modernidade e dos estudos históricos. É importante ressaltar, porém, que apenas uma parte da obra foi analisada, levando em conta que esta é uma obra histórica e moderna, que envolve diversos processos e acontecimentos de um período conturbado de nossa história, um recorte foi realizado afim de concentrar os estudos nas retratações do cotidiano moderno do Rio de Janeiro no final do século XIX. Desta forma, as análises sobre esta obra e sobre as discussões das fontes literárias para a historiografia não estão esgotadas, abrindo espaço para novos estudos e diferentes abordagens.

Estudar as relações entre modernidade, literatura e a história é frequentemente angustiante, visto que um indivíduo urbano no século XXI, mais do que em qualquer outro período, vive em um ambiente extremamente tecnológico e frenético. Se os pensadores e escritores modernos do século XIX e XX já pensavam em seus centros urbanos e seus diversos e intensos acontecimentos com preocupação, para um indivíduo moderno da atualidade estas preocupações se multiplicam. Refletir sobre a modernidade, é refletir sobre todo esse frenesi que está presente em nós mesmos como seres humanos urbanos. Em que medida a expansão financeira, tecnológica e

industrial nos levará? Respostas para esta pergunta neste momento são de fato improváveis. Porém, pensar sobre os autores modernos de outrora nos faz refletir sobre nosso próprio tempo, nossas próprias contradições e angústias como seres humanos imersos no processo da modernização social. Estudar a modernidade é enxergar mais do que o cotidiano do passado: é confrontar a nossa própria essência, nosso meio social e todas as nossas preocupações e contradições construídas historicamente.

REFERÊNCIAS

- ALONSO, Angela. “Jogo frenético”. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 23 mar. 2008.
- BENJAMIN, Walter. Paris, capital do século XIX. In: BENJAMIN, Walter. **Walter Benjamin: obras escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**. São Paulo: Ouro sobre Azul, 2013.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Ed. Nacional, 1985.
- CARVALHO, José Murilo. **Os bestializados**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- FRANCO, Gustavo Henrique Barroso. Encilhamento. **Pesquisa CPDOC-FGV**, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em:
<<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/ENCILHAMENTO.pdf>>. Acesso em: 9 nov. 2019.
- HARVEY, David. **Paris, capital da modernidade**. São Paulo: Boitempo, 2015.
- LARKIN, Brian. The politics and poetics of infrastructure. **Annual Review of Anthropology**, v. 42, 2013.
- LYNCH, Christian Edward. O Império é que era a República: a monarquia republicana de Joaquim Nabuco. **Lua Nova**, São Paulo, n. 85, 2012.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Manifesto do Partido Comunista. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 12, n. 34, 1998.
- NARITA, Felipe Ziotti. **A educação da sociedade imperial**. Curitiba: Appris, Prisms, 2017a.
- NARITA, Felipe Ziotti. Moral scenes from urban life: moral perceptions of modernity in Brazil. **Praktyka Teoretyczna**, Poznan, v. 23, n. 1, 2017b.
- NEEDELL, Jeffrey. **Belle époque tropical**. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.
- OEHLER, Dolf. A modernidade e o mal: Charles Baudelaire. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 15, n. 27, 2013.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 2003, 2 ed.

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, 2005.

TAUNAY, Alfredo. **O encilhamento**. Rio de Janeiro: Melhoramento, 1894.

TANNURI, Luiz A. **O encilhamento**. São Paulo: Hucitec, 1981.

THOMPSON, Edward. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

TOURAINE, Alain. **Crítica da modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

ERROR: syntaxerror
OFFENDING COMMAND: --nostringval--

STACK:

/Title
()
/Subject
(D:20211030213217-02'00')
/ModDate
()
/Keywords
(PDFCreator Version 0.9.5)
/Creator
(D:20211030213217-02'00')
/CreationDate
(Windows)
/Author
-mark-